



**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

Licenciatura em Ciência Política

**NOMADISMO POLÍTICO NOS PARTIDOS COM REPRESENTAÇÃO NA  
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA: O caso da Frelimo, Renamo e MDM no período de 2008 á  
2019**

Helena da Glória Tine

Supervisor: Professor Doutor Sérgio Chichava

Maputo, Fevereiro de 2021

**UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE**

**FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

Licenciatura em Ciência Política

Helena da Glória Tine

**NOMADISMO POLÍTICO NOS PARTIDOS COM REPRESENTAÇÃO NA  
ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA: O caso da Frelimo, Renamo e MDM no período de 2008 á  
2019**

Trabalho de fim do Curso apresentado à Faculdade de Letras e Ciências da Universidade Eduardo Mondlane, em cumprimento do requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciência Política.

Supervisor: Sérgio Chichava

Maputo, Fevereiro de 2021

Helena da Glória Tine

Trabalho de fim de curso apresentado em cumprimento dos requisitos exigidos para obtenção do grau de licenciatura em Ciência Política, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane.

**Mesa de Júri**

**Presidente**

(Universidade Eduardo Mondlane)

Amisio Felisberto Buanaisa

**Supervisor**

(Universidade Eduardo Mondlane)

Sergio Inácio Chichuz

**Oponente**

(Universidade Eduardo Mondlane)

Elisio T. [assinatura]

Maputo, Fevereiro de 2021

## **DECLARAÇÃO DE HONRA**

Declaro por minha honra que este trabalho de fim de curso nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau académico e que constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas as fontes que utilizei para a elaboração do mesmo.

A Licencianda

---

Helena da Glória Tine

Maputo, Fevereiro de 2021

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais: Lázaro Azarias Tine e Atália Helena Nhampule,  
pilares da minha formação como ser humano.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus, causa primordial de todas as coisas e maior orientador da minha vida.

Ao meu supervisor Professor Sérgio Chichava pela atenção dedicada durante todo o processo de desenvolvimento da monografia, pela paciência e disposição para trocar ideias e discutir o trabalho. Igualmente agradeço ao investigador associado do IESE, Justo Nauva, que também foi meu co-orientador, com quem compartilhei minhas dúvidas a respeito do tema. Sua motivação e ideias valiosas foram essenciais para a conclusão da monografia. Tenho certeza de que a qualidade deste trabalho não seria a mesma sem a vossa ajuda.

À todos docentes do Departamento de Ciência Política e Administração Pública, pela importância que tiveram na minha vida acadêmica, agradeço imensamente.

Agradeço carinhosamente a minha família: aos meus pais: Lázaro e Atália; meus irmãos: Adelina, Dólio e Armando pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha trajetória acadêmica. Esta monografia é a prova de que toda vossa confiança e dedicação valeram a pena. Aos meus sobrinhos: Hindlo, Dália, Ivor, Dilma, George e Lee, primos, tios e cunhados pelos melhores momentos e convivência familiar.

Os meus agradecimentos são extensivos aos meus colegas em especial Adriano Tchauque, António Bai, Hermenegildo Tsandzana, Amélia Maguele, Ariclénio Mimbirre, Lázia, Vânia Siteo, Maria Dlhakama, Alfiado Biosse, Dique Matola, Euclides da Flora, Emanuela, Filadélfia, Vânia Sevene, Teresa e Sheila pela cooperação demonstrada durante a formação. Eles sim, são os meus “veto players”.

Honro o fechamento deste ciclo agradecendo a todos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado, compartilhando as suas experiências de forma construtiva. Vocês foram essenciais para o meu êxito.

A todos, serei eternamente grata. OBRIGADA!

## EPÍGRAFE

*Some men change their party for the sake of their principles;  
others their principles for the sake of their party.*

(Winston Churchill)

## **RESUMO**

Este trabalho, analisa os factores que levam os actores-políticos a mudarem-se dos seus partidos para se filiarem a outros ou a concorrerem como independente. O período de 2008 á 2019 faz parte do corte temporal da análise deste trabalho e o problema que se levanta, é que as eleições, sejam estas autárquicas ou gerais, são frequentemente antecedidas por situações de “nomadismo político”, com mais incidência para os partidos com representação na Assembleia da República. O outro facto, é que o “nomadismo político” tem acontecido, sobretudo, nas vésperas das eleições, sejam estas autárquicas ou gerais. Contudo, a forma como tem acontecido e o tempo em que ocorre, tem suscitado desconfiança e dúvidas em relação a idoneidade dos políticos. Assim, o argumento central do estudo é que a forma como os partidos funcionam internamente, aliado á interesses particulares explicam o “nomadismo político”. Em termos de condução do trabalho em análise, parte de uma pesquisa de carácter metodológico qualitativo. Sendo assim, orientamo-nos na base da lógica indutiva e os dados levantados ou colectados para a concretização do trabalho resultaram na discussão estruturante da pesquisa documental e bibliográfica, complementada pelas entrevistas semi-estruturadas. Através dos dados colhidos, o presente trabalho evidenciou que o nomadismo além de ser comum nos partidos com representação parlamentar, por um lado resulta de interesses particulares e por outro lado, dos factores institucionais.

**Palavras-chave:** Nomadismo político, Eleições autárquicas e gerais, Frelimo, Renamo e MDM.



## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1: Variáveis e indicadores .....	6
Quadro 2: Factores do nomadismo político em África .....	22
Quadro 3: Factores do nomadismo político em Moçambique .....	36
Quadro 4: Mudança de filiação partidária entre 2008 á 2019 .....	38

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AJUDEM-** Associação Juvenil para o Desenvolvimento de Moçambique

**AM-** Assembleia Municipal

**AR-** Assembleia da República

**CNE-** Comissão Nacional de Eleições

**FRELIMO-** Frente de Libertação de Moçambique

**JPC-** Juntos Pela Cidade

**MAMO-** Movimento Alternativo de Moçambique

**MDM-** Movimento Democrático de Moçambique

**PASOMO-** Partido de Ampliação Social de Moçambique

**PODEMOS-** Povo Optimista para o Desenvolvimento de Moçambique

**RENAMO-** Resistência Nacional de Moçambique

## SUMÁRIO

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	i
DEDICATÓRIA .....	ii
AGRADECIMENTOS .....	iii
EPIGRAFE .....	iv
RESUMO.....	v
LISTA DE QUADROS.....	vi
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	vii
PARTE I.....	1
CAPÍTULO I .....	1
1. INTRODUÇÃO .....	1
1.1. Problemática.....	3
1.2. Hipóteses .....	6
1.3. Objectivos do trabalho .....	7
1.3.1. Objectivo geral .....	7
1.3.2. Objectivo específico .....	7
1.4. Justificativa.....	7
CAPÍTULO II.....	9
2. QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL .....	9
2.1. Teoria de base.....	9
2. 2. Definição e operacionalização de conceitos.....	13
2.2.1. Nomadismo político .....	13
2.2.2. Institucionalização partidária.....	14
CAPÍTULO III.....	17
3. Revisão da Literatura .....	17
CAPÍTULO IV.....	24

4. METODOLOGIA .....	24
4.1. Limitações do estudo .....	26
PARTE II .....	27
CAPÍTULO I .....	27
1. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS .....	27
1.1. Nomadismo político nos partidos com representação na AR em Moçambique: Frelimo, Renamo e MDM e sua organização interna .....	27
1.2. Nomadismo político nas vésperas das eleições: Ideologia ou interesses particulares?.....	33
1.3. Porquê, sobretudo, a Renamo ou MDM e não Frelimo?.....	37
1.4. Nomadismo político ou fragilidade das eleições?.....	40
CAPÍTULO II .....	43
CONCLUSÃO .....	43
REFERÊNCIAS.....	45
Apêndice: Lista de entrevistados .....	52

## PARTE I

### CAPÍTULO I

#### 1. INTRODUÇÃO

Antes da realização das primeiras eleições multipartidárias em 1994, já se registavam casos de “nomadismo político” por parte de políticos que teriam desertado da Frelimo, dos políticos que desertaram da Renamo durante a Guerra Civil e partidos resultantes da dissidência dentro dos novos partidos da oposição (Nuvunga, 2014). Nesta fase, e após as primeiras eleições, o “nomadismo” envolveu, sobretudo, os partidos Frelimo e Renamo.

Entretanto, com o fenómeno do “nomadismo” no seio da Renamo em 2008 que ficou conhecida como “Revolução de 28 de Agosto”<sup>1</sup>, um ano depois, isso em Março de 2009, surgia um novo partido com representação parlamentar, o MDM. Deste modo, o campo político moçambicano passaria, um ano depois, a ser composta por três principais partidos: Frelimo, Renamo e MDM.

Intitulado *“Nomadismo político nos partidos com representação na Assembleia da República: o caso da Frelimo, Renamo e MDM no período de 2008 á 2019”* este estudo baseia-se na tendência do “nomadismo” que ocorre, sobretudo, entre os partidos com representação parlamentar e tem como objectivo, compreender os factores deste fenómeno nos partidos em estudo.

Na realidade, considerando estes partidos, o fenómeno do “nomadismo político” não é isolado. Este fenómeno, além de ser característico dos processos eleitorais em Moçambique é visível desde os níveis dos órgãos locais á nível nacional. Para este estudo, o último nível é que interessa, na medida em que é possível observar certos membros que outrora pertenciam um determinado partido, seja Frelimo, Renamo e MDM, a filiarem-se noutra partido ou a concorrerem como independente, fundando posteriormente os seus partidos ou Associações.

Muitas vezes, o “nomadismo político” no seio ou entre esses partidos, têm se acentuado no período das eleições e em alguns casos em menos de três meses para a realização das mesmas e é privilegiando, especialmente, esta época que o estudo foi desenvolvido. Assim, é pertinente demonstrar como se produz o “nomadismo”, recorrendo a descrição do

---

<sup>1</sup>Revolução de 28 de Agosto, data em que as bases da Renamo se revoltaram contra a liderança do partido por ter retirado a candidatura de Daviz Simango a favor de Manuel Pereira, causando um repúdio total, ou seja, uma revolução onde as bases da Renamo abandonaram o partido.

funcionamento dos partidos políticos e do perfil dos políticos “nômados”, de modo a perceber os factores por detrás deste fenómeno.

Por vezes, este fenómeno ocorre no período não eleitoral sendo que, em muitos casos, a mudança nesta época é protagonizada por poucos membros quando comparado a época eleitoral onde as saídas geralmente são em grupo.

O estudo está organizado em duas partes. No primeiro capítulo da primeira parte, que diz respeito à introdução, é apresentada problemática que é seguida de pergunta de partida, hipóteses compostas por variáveis e seus respectivos indicadores, objectivos do trabalho, justificativa e delimitação do tema.

No segundo capítulo, apresenta-se o enquadramento teórico e conceptual onde são apresentados os pressupostos da filiação partidária e titulares de cargos como teoria de base, e são definidos e operacionalizados os conceitos de “nomadismo político” e institucionalização partidária.

No terceiro capítulo, é feita a revisão de literatura onde são apresentados os estudos de vários autores sobre o “nomadismo político”.

No quarto capítulo, é apresentado a metodologia que foi usado para a materialização deste estudo, apresentando-se os principais métodos e técnicas usadas desde a recolha de dados á análise e interpretação dos resultados e apresenta-se igualmente, ainda neste capítulo, as limitações do estudo.

No primeiro capítulo da segunda parte do trabalho, é feita a análise e interpretação dos resultados e por fim, no segundo capítulo, são apresentadas: a conclusão as referências e o apêndice.

## **1.1. Problemática**

Em 2008, com a expulsão de Daviz Simango, milhares de membros da Renamo revoltaram-se contra esta decisão, apoiaram a candidatura independente de Daviz Simango para as eleições autárquicas e no ano seguinte, em Março de 2009, fundaram o MDM (Chichava, 2010). Dentre vários membros que preteriram a Renamo a favor da candidatura independente de Daviz Simango, pode-se dar exemplo de Ricardo Tomás, Jossias Macuácuca e Geraldo Carvalho, na altura mobilizador da Renamo.

Em 2009, ano das eleições gerais, MDM continuaria a receber membros da Renamo. Trata-se de membros que teriam apoiado a candidatura de Daviz Simango em 2008. Dentre vários membros, destacam-se alguns deputados como Maria Moreno, ex-líder parlamentar, Abel Sana Sana, Claudina Guimarães, membros que aderiram e fundaram o mais novo partido político (Lusa, 2011).

Por outro lado e no mesmo ano, alguns membros deste partido, no distrito de Sussundenga, província central de Manica, decidiram abandonar o partido liderado por Daviz Simango e filiar-se a Frelimo. O mesmo fenómeno aconteceu com a Renamo, no distrito de Manica, onde cerca de 10 membros mudaram de filiação para a Frelimo, o partido no poder (A Verdade, 2009a).

Em 2013, ano das eleições autárquicas, assistem-se deserções na Renamo. Trata-se de 67 membros da Renamo que desertaram do partido porque este partido não pretendia participar nas eleições autárquicas e gerais (DW, 2013).

Em 2014, ano das eleições gerais, as mudanças voltaram a ser um assunto principalmente para os três partidos. Na Frelimo registou-se a saída de certos membros como António Frangoulis, que após quatro décadas de militância na Frelimo mudou de filiação partidária para MDM (DW, 2018) e Carlos Jeque, que após a sua saída apoiou a Renamo e Afonso Dhlakama nas eleições de Outubro do mesmo ano (Jornal Notícias, 2014a).

Na Renamo, estas mudanças caracterizaram-se pelo retorno de certos membros que outrora em 2008 teriam-se desvinculado da Renamo a favor do MDM. Foi o caso de Rosa Chucua e Abel Sana Sana, antigos deputados da Assembleia da República pela bancada da Renamo e membros fundadores do MDM na província de Niassa que nas vésperas das eleições gerais de 15 de Outubro teriam optado por regressar a Renamo (Jornal Notícias, 2014b).

No MDM, como lembra um estudo<sup>2</sup> feito por Chichava (2019), registou-se também, mudança de partido por certos membros que preferiram criar seus partidos ou associações para concorrer nas eleições. É exemplo deste caso, Estêvão de Fátima, que saindo do MDM em 2014, criou um novo partido denominado MAMO, com o qual concorreu nas eleições autárquicas de 2018 (Idem).

Nas vésperas das eleições autárquicas de 2018, deputados da Assembleia da República e considerável número de membros, convocaram a imprensa e, num espectáculo mediático comunicaram a renúncia dos seus mandatos e, anunciaram sua saída do MDM (Muhale, 2018). Dentre vários membros, foi o caso de Venâncio Mondlane e António Frangoulis membros que se filiaram ao MDM no ano de 2013 e 2014 respectivamente e que já foram, antes de se filiarem a MDM e Renamo, membros da Frelimo.

Assim como em 2014, certos membros estariam a retornar a sua antiga filiação partidária após terem se filiado ao MDM em 2008, como é o caso de Manuel de Araújo, antigo deputado pela Renamo na AR, na legislatura de 2004-2009 (A Verdade, 2018b).

Alguns membros ao serem integrados na Renamo, foram imediatamente indicados a encabeçar as listas concorrentes a presidência dos Municípios (Muhale, 2018), o que não veio a acontecer pois alguns viram as suas candidaturas invalidadas pela CNE com base na lei n.º 7/97, de 31 de Maio<sup>3</sup> (CNE, 2018). Este bloqueio, também foi imposto pelo partido de onde estes membros saíram, do MDM, com base no artigo 13 sobre a incapacidade eleitoral passiva, da lei n.º 7/2018, de 3 de Agosto<sup>4</sup>.

Na Frelimo, o “nomadismo” voltaria a ser um assunto quando Samora Machel Jr, um dos membros do partido, decidiu avançar e concorrer como cabeça de lista de um grupo cívico, AJUDEM, para a edil da Cidade de Maputo (Carta de Moçambique, 2019a).

Assim como aconteceu no MDM, a AJUDEM veria a sua candidatura excluída, 47 dias antes das eleições, apesar de continuar a conter um número suficiente de candidatos efectivos elegíveis (EISA, 2018). A alegação por detrás de tal rejeição, de acordo com a CNE é pelo

---

<sup>2</sup>Estudo sobre o desempenho eleitoral do MDM e seus dissidentes nas eleições autárquicas de 2013 e 2018.

<sup>3</sup> Com efeito, o artigo 10, alínea d, da lei 7/97, de 31 de Maio, dispõe que perdem mandatos os titulares de órgãos das autarquias locais que após se inscreverem em partido político diverso ou adiram a lista diferente daquela em que se apresentaram a sufrágio.

<sup>4</sup>Este artigo refere que não é elegível para os órgãos autárquicos, o cidadão que tiver renunciado ao mandato imediatamente anterior.



facto de não ter havido suplentes suficientes para preencher as vagas abertas com a renúncia dos quatro integrantes na lista para o Conselho Autárquico que, alegaram terem sido inclusos contra a sua vontade (Idem).

Em 2019, mesmo fenómeno, voltaria acontecer novamente nas vésperas das eleições presidenciais de 15 de Outubro, mas desta vez, com a saída de vários membros da Renamo desde o nível provincial, distrital, dos postos administrativos, até bairros para MDM na Beira em destaque Albano Bulaunde e Sandura Ambrósio, delegados políticos do partido, que teriam sido exonerados por Ossufo Momade a revelia dos estatutos do partido Renamo tendo sido no lugar dos mesmos nomeados outros membros a cargos de delegado político do partido (Folha de Maputo, 2019).

Em Maputo, essa mudança de partido, foi protagonizada por alguns, dos 40 membros, que nas vésperas das eleições autárquicas de 2018, teriam preterido MDM a favor da Renamo para apoiar a candidatura de Venâncio Mondlane (O País, 2018b). Foi o caso de Ismael Nhacucué, na altura chefe da bancada do MDM na Assembleia Municipal, que filiando-se a Renamo nas vésperas das eleições autárquicas de 2018 retornou a sua antiga filiação, MDM, nas vésperas das eleições gerais de 2019.

Na Frelimo, o fenómeno do “nomadismo” surge novamente das bases do partido como continuação do que aconteceu em 2018, mas desta vez com a criação de um novo partido, PODEMOS, pelos membros dissidentes da Frelimo (DW, 2019a).

Face a esta situação, o outro marco foi o retorno de Carlos Jeque, membro que teria saído da Frelimo para apoiar o presidente da Renamo nas eleições de 2014 (Carta de Moçambique, 2019b) assim como o retorno de Samora Machel Jr. que foi confirmada com a sua declaração a imprensa, quando questionado se aceitaria ser candidato da PODEMOS para as presidências e o mesmo afirmou “Como vou fazer uma coisa dessas? Eu sou da Frelimo e estou na Frelimo”(DW, 2019a).

Desta forma, é possível verificar que este fenómeno tem acontecido, sobretudo e de forma sistemática na Frelimo Renamo e MDM. Com isso, a pergunta que se coloca neste estudo é: *Que factores explicam a ocorrência de Nomadismo político no seio dos partidos com representação na AR?*

## 1.2. Hipóteses

Este trabalho parte de duas hipóteses:

- A fraca institucionalização partidária da Renamo, Frelimo e MDM cria condições para a ocorrência do “nomadismo político”;
- A busca pela maximização de interesses particulares é um dos principais factores do “nomadismo político”.

### Quadro 1: Variáveis e indicadores

Variável independente	
<b>Fraca institucionalização partidária</b>	<b>Indicadores</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Nomeação aos cargos com base a afinidade familiar ou étnica: Nepotismo</li><li>• Falta de transparência no processo de recrutamento a cargos por eleição</li></ul>
<b>Busca pela maximização dos interesses particulares</b>	<b>Indicadores</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Conflitos no processo de escolha dos candidatos a cargos como de deputado</li><li>• Filiação á outros partidos ou Associações</li></ul>
Variável dependente	
<b>Nomadismo político</b>	<b>Indicadores</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Mudança de filiação partidária na mesma legislatura</li><li>• Criação de novos partidos ou Associações pelos membros desertores</li></ul>

Fonte: Elaborado pela autora

### **1.3. Objectivos do trabalho**

#### **1.3.1. Objectivo geral**

- Compreender os factores explicativos e determinantes do “nomadismo político” nos partidos com representação na AR em Moçambique.

#### **1.3.2. Objectivo específico**

- Descrever como o funcionamento interno do partido Frelimo, Renamo e MDM faz com que ocorra o “nomadismo político”;
- Demonstrar como ocorre o fenómeno do “nomadismo político” em Moçambique;
- Explicar como interesses particulares dos actores políticos dos partidos levam ao “nomadismo político”.

### **1.4. Justificativa**

O “nomadismo político” é um fenómeno recorrente em Moçambique. Contudo, muito do que se tem escrito sobre este fenómeno diz respeito a democracias desenvolvidas quer sob ponto de vista de construção teórica, quer sob ponto de vista de pesquisa empírica.

Sendo este, um fenómeno característico e visível, sobretudo, no pré-período eleitoral em Moçambique, pouca atenção académica têm-se dado a este facto e muitos estudos sobre comportamento político que caracterizam os processos eleitorais destacam a problemática da violência eleitoral e do voto, ou seja, nos factores que levam os cidadãos a votar num partido em detrimento do outro ou mesmo a se absterem.

Por outro lado, a produção académica internacional sobre o fenómeno do “nomadismo político”, associa, sobretudo, a ideologia á mudança de filiação partidária em contextos de democracias desenvolvidas e questões meramente materiais em democracias subdesenvolvidas, como factores por detrás do “nomadismo”. Constatou-se, ainda, que existem dificuldades e limitações em olhar para este fenómeno como resultado de outros factores nas democracias em desenvolvimento.

É desta forma que este estudo, além de enriquecer a temática sobre o “nomadismo político”, pretende dar o seu contributo a nível académico, para compreensão e explicação do comportamento de políticos que mudam de filiação partidária e explicar outros factores, que ainda que seja de forma indirecta, intervêm e explicam o “nomadismo”.

Este tema é relevante para a sociedade em geral na medida em que ao estudar o “nomadismo”, percebe-se a evolução deste fenómeno e quais elementos estruturam o comportamento dos actores políticos para ter motivação de sair, mudar ou permanecer num determinado partido e os efeitos do mesmo sobre o actor político nômade no partido recém filiado, partidos políticos, Parlamento e no sistema partidário em geral.

A escolha do período de 2008 à 2019 que corresponde a realização de quartas eleições autárquicas às sextas eleições gerais respectivamente, é fundamentada pelo facto do “nomadismo” ter sido protagonizado principalmente pelos membros do partido Frelimo, Renamo e MDM, ou seja, partidos com representação parlamentar.

Além de serem os principais partidos políticos, que muitas vezes os seus membros estão envolvidos em situações de “nomadismo”, a escolha dos partidos deve-se também ao facto de serem os partidos com representação a nível nacional e parlamentar.

Neste sentido, o trabalho pretende ser, não só um incentivo para outras investigações referentes ao tema, mas analisar as variáveis determinantes e explicativas do “nomadismo político” em Moçambique.

## CAPÍTULO II

### 2. QUADRO TEÓRICO E CONCEPTUAL

#### 2.1. Teoria de base

As principais abordagens teóricas para explicar o “nomadismo político” podem ser divididas de acordo com as motivações individuais dos que mudam de partido ou relacionado com contextos institucionais e estruturais (Heller e Mershon, 2009).

Este trabalho efectivou-se à luz da teoria de filiação partidária apresentada por Aldrich e Bianco (1992), no seu trabalho intitulado *A Game-Theoretic model of party affiliation of candidates and Office holders*.

Os actores desenvolvem o modelo da filiação partidária a partir da teoria de ambição desenvolvida por Schlesinger em 1966, estendendo-o para considerar a escolha da filiação partidária como uma variável de escolhas observáveis e consideráveis em períodos de realização de eleições (Aldrich e Bianco, 1992).

Segundo este modelo, se juntar a um partido antes de uma eleição torna-se uma importante decisão para os políticos ambiciosos e, de forma particular, os primeiros a mudarem de filiação partidária são os incapazes de obter indicações sobre os candidatos afiliados a um partido estabelecido (Idem).

Nesse sentido, uma vez que a racionalidade apresenta-se entre melhores actos disponíveis para o agente, dada as suas crenças e o seu desejo (Ferejohn e Pasquino, 2000) no modelo, políticos ambiciosos escolhem se filiar a um partido para maximizar a possibilidade de ganhar um cargo, não apenas a probabilidade marginal de ganhar uma eleição geral ou primária, o que para Desposato (2006), seria maximizar a utilidade esperada em função dos recursos que irão receber no seu partido pela escolha reduzindo, deste modo, o custo da transacção.

Assim, a escolha do partido, que inclui uma selecção inicial, bem como mudar de partido, é o desafio que muitos políticos ambiciosos enfrentem nesse período (Aldrich e Bianco, 1992).

Entretanto, troca de partido é uma consequência natural de ambição política e reacção a disciplina partidária (Heller e Mershon, 2009) e se a disciplina partidária é um obstáculo para

o político que prefere *outcome*, a maximização de votos para aumentar as chances de reeleição, faz com que o político tenha um incentivo para mudar de partido (Knott, 2017).

Para tal, considerando que os actores se comportam de modo interinamente utilitário para maximizar a satisfação de suas preferências, o que pressupõe um número significativo de cálculos (Hall e Taylor, 1996) neste modelo, o cálculo usado é o de candidatura, ou de filiação, para estudar se um político escolhe concorrer a cargos mais altos ou a permanecer na posição actualmente ocupada (Aldrich e Bianco, 1992).

Este cálculo é desenvolvido para examinar a selecção de filiação partidária, onde a primeira questão diz respeito as condições em que um candidato *i* pode escolher entre concorrer no partido *W* ou *R* (Idem).

Para Aldrich e Bianco (1992) neste cálculo o candidato *i* encara três resultados  $O = \{O_w, O_R, O_0\}$  onde significam respectivamente:

- $O_w$ : filiando-se ao partido *W*;
- $O_R$ : filiando-se ao partido *R*;
- $O_0$ : sem filiação partidária.

Há ainda, segundo os autores para o candidato *i* função de utilidade ( $U_i$ ) para todos os resultados ( $O_j$ ) assim como três estratégias disponíveis  $A = \{A_w, A_R, A_0\}$  onde:

- $A_w$ : concorrendo no partido *W*;
- $A_R$ : concorrendo no partido *R*;
- $A_0$ : não concorrendo em algum partido.

Atendendo que cada acção é um custo  $C = \{C_w, C_R, C_0\}$  há um conjunto de probabilidades  $P_{jk}$  para probabilidade dos resultados *j* dada a acção *k* que já foi realizada. Assim:

$$EU(A_k) = \sum_j P_{jk} U(O_k) - C_k$$

Neste modelo várias suposições caracterizam e simplificam o cálculo de candidatura e o mais importante é a suposição de *Office seeking ambition* onde: ocupar um cargo é mais valioso do que não, ocupar um cargo alto é mais valioso do que ocupar um cargo mais baixo, e o único valor para o cargo é o cargo por si só. Isso implica, segundo o modelo de candidatura: que ninguém se importa com qual partido se filia, excepto como cada um deles afecta a probabilidade de vitória no cargo.  $U(O)$  denota a utilidade de ocupar um cargo e  $U(O_0)$ , o valor de não exercer um cargo, é definida como zero (Aldrich e Bianco, 1992). Assim:

S1: Simplificando a ambição do Office seeking:

$$a) U(O_j) > U(O_0) = 0$$

De seguida, o modelo assume que a probabilidade de ocupar um cargo é zero, se o candidato não concorre a eleição e a probabilidade de ganhar cargo como candidato do partido é zero a menos que candidato se filie no partido. Assim:

S2. Simplificando suposição de probabilidade:

$$P_{jk} = 0$$

É comum assumir que não há custos associados a não concorrer. Para o candidato a cargo quaisquer desses valores podem ser constantes entre os partidos e no modelo estes custos podem ser pensados como custos líquidos e assumidos como positivos e constantes entre os partidos (Idem). Assim:

S3. Simplificando suposição de custo:

$$a) C_j = C_k = C > 0$$

$$b) C_0 = 0$$

Sobre várias suposições, o candidato  $i$  concorre no partido  $j$  se  $P_j > P_k$ . Isto é, o modelo conclui que todo o candidato  $i$  deseja concorrer em todo o partido que oferece altas probabilidades de sucesso e concorre se a utilidade esperada for maior ou excede custos de concorrer (Aldrich e Bianco, 1992).

Operando sobre a suposição apresentada por Aldrich e Bianco, a literatura apresenta três explicações para a mudança de filiação partidária: maximizar votos (vote-seeking), obter um progresso político ou poder (Office-seeking), ou afectar a mudança política (policy-seeking) (Idem.)

Ainda no modelo apresentado por Aldrich e Bianco (1992), é usado a utilidade esperada do cálculo de candidatura para formular as decisões de um incumbente ou desafiador que competem para o mesmo cargo político, onde no princípio ambos estão filiados no mesmo partido  $W$  e ambos podem mudar sua filiação partidária para outro partido político e procurar nomeação lá.

Cada candidato  $i$  tem uma escolha: tentar ganhar a nomeação no partido  $W$  e concorrer como candidato deste partido nas eleições gerais ou mudar sua filiação partidária para o segundo partido  $R$  e tentar ganhar nomeação (Aldrich e Bianco, 1992).

Na região 1:  $P_w$  é relativamente alta que  $P_R$ , ambos candidatos  $i$  concorrem no partido  $W$ . Aqui, a afiliação no partido  $W$  oferece mais chances de ganhar as eleições gerais, então nenhum dos candidatos mudam de filiação partidária.

Na região 2: com o declínio do  $P_w$  ou aumento no  $P_R$  ou ambos. Estas mudanças motivam os desafiadores a mudarem de partido e a concorrer no partido  $R$ , enquanto os incumbentes permanecem filiados ao partido  $W$ . Os desafiadores mudam nessa região porque a mudança no  $P_w$  ou  $P_R$  faz de  $R$  um veículo eleitoral relativamente atractivo.

Na região 3: é impossível prever que candidato irá mudar de partido e dois factores ao equilíbrio nesta região: ambos partidos ( $W$  e  $R$ ) são aproximadamente iguais em termos de força eleitoral e  $P_w$  está próxima de  $P_R$  e não custa muito em termos de perspectivas para as eleições gerais.

Na região 4: apenas os incumbentes mudam de partido. Isto significa que partido  $R$  tem uma pequena a moderada vantagem eleitoral em relação a  $W$ .

Na região 5: ambos mudam de partido e isto significa que  $R$  é mais forte que  $W$  e que afiliação no  $R$  oferece mais chances de ganhar as eleições gerais em relação a  $W$ .

Resumindo, se nenhum candidato mudou de partido (região 1), infere-se que  $W$  tem uma substancial vantagem eleitoral em relação  $R$ . Desafiadores apenas mudam (região 2) implica um aumento relativo na força eleitoral de  $R$ , com  $W$  ainda mais forte. Incumbentes mudam de partido (região 4) pode significar que  $R$  tem de pequena a moderada vantagem eleitoral sobre  $W$ . e finalmente quando os dois candidatos mudam de partido (região 5) pode significar que  $R$  é mais forte que  $W$  (Aldrich e Bianco, 1992).

Como se pode constatar, este modelo possui critérios para a compreensão do objecto em análise uma vez que em véspera das eleições, sejam autárquicas ou gerais, em alguns casos, em menos de três meses para a realização das mesmas, assiste-se mudança de alguns membros de um partido para outro, ou para concorrer como independente, sejam membros da Frelimo, Renamo ou MDM sugerindo, pelo tempo que ocorre, que são membros incapazes de obter indicações para exercer cargos dentro do seu partido ou de renovar o mandato e comportam-se de um modo inteiramente utilitária para maximizar suas preferências, sejam



em termos de votos (vote-seeking), obter um progresso político e poder (Office-seeking) ou mesmo ou afectar a mudança política (policy-seeking).

A utilidade esperada, nesse sentido, pressupõe um número significativo de cálculos e custos que corresponde sair do partido até então filiado, Frelimo, Renamo ou MDM e filiar-se em partidos através dos quais possam ser deputados da AR e AM, ou seja, no partido que tem uma vantagem eleitoral em relação a outros, por mais que o partido não ganhe as eleições.

É nesse sentido que nas vésperas das eleições, ao mudarem de filiação partidária, alguns membros são indicados a encabeçar listas no partido recém-chegado, mostrando desse modo que a utilidade esperada e os objectivos que o político deseja maximizar foram maiores em relação ao custo de transacção que consistiu em mudar de partido.

É neste sentido que a abordagem de filiação partidária tornou-se crucial no presente estudo, pois ajudou a elucidar os motivos e circunstâncias que fazem com que os políticos permaneçam ou mudem de filiação partidária.

## **2. 2. Definição e operacionalização de conceitos**

A definição dos conceitos é uma actividade de extrema importância para a compreensão do problema que se está a estudar. Assim, principais conceitos que serão usados neste trabalho são: “nomadismo político” e institucionalização partidária.

### **2.2.1. Nomadismo político**

O “nomadismo político” é definido como uma ocorrência em que o detentor de um mandato electivo abandona o partido pelo qual se elegeu para se filiar a um outro partido (Schmitt, 1999).

Trazendo uma definição próxima do Schmitt (1999), Heller e Mershon (2009) definem “nomadismo político” como “mudança registada na filiação partidária de um político que exerce cargos por nomeação ou concorre a cargos electivos”.

Concordando com os actores acima citados, Geoke e Hartman (2011), trazem uma definição considerando o *timing* para que esse fenómeno seja considerado “nomadismo político” e a direcção do político que muda de filiação partidária: candidatura independente ou mudança de um partido a favor de outro. Nesse sentido, “nomadismo” é um fenómeno que ocorre quando um membro muda sua filiação para um outro partido durante o mandato, ou deixa o partido para concorrer como independente (Idem).

Já Hoene (2008), sem discordar com os outros autores, acrescenta a ideologia na sua definição como um elemento que explica o “nomadismo”, assim, este fenómeno tem lugar quando um representante eleito de um partido político dentro de uma estrutura legislativa como o parlamento, abraça uma diferente perspectiva política que é incompatível com a do partido que representa.

Em todas estas definições existem elementos importantes que fazem com que esse movimento seja nómado: exercer ou concorrer a cargos dentro do partido, a mudança de partido e a respectiva direcção do político (filiar-se a um outro partido ou concorrer como independente) e o período em que a mudança ocorre (na mesma legislatura).

Assim, para propósitos deste trabalho, entende-se por “nomadismo político” como mudança de partido, seja de um partido para outro ou para concorrer como independente, protagonizado por membros que exercem ou concorrem a cargos no seu partido, podendo ser ou não na mesma legislatura.

### **2.2.2. Institucionalização partidária**

Qual é o significado da palavra institucionalização? De acordo com Huntington *apud* Basedau e Stroh (2008, p.7), “institucionalização é o processo pelo qual cada organização adquire valores e estabilidade”.

Considerando que a estabilidade e valores caracterizam a institucionalização, Basedau e Stroh (2008), definem a institucionalização partidária como um processo na qual os partidos que participam nas eleições aumentam a estabilidade e valores organizacionais respeitando as suas relações internas e externas. Mais concretamente, isso significa que um conjunto relevante de pessoas, membros do partido e o eleitorado vê o partido como uma organização indispensável.

Usando denominadores comuns Basedau e Stroh (2008) desenvolvem quatro elementos a nível interno e externo para classificar a institucionalização partidária:

A nível interno identificam dois elementos em termos de estabilidade e valores respectivamente:

- Nível de organização: existência de um aparato organizacional presente em todos os níveis administrativos e que age pelos interesses do partido.

- Coerência: o partido age como uma organização unida e tolera certos níveis de dissidência intrapartidária.

E a nível externo, também identificam dois elementos em termos de estabilidade e valores respectivamente:

- Enraizamento na sociedade: o partido deve estar estavelmente enraizado na sociedade. Isso significa além de ser um partido a nível nacional, deve ter relações com a sociedade civil;
- Autonomia: deve ser independente de certos grupos sociais dentro e fora do partido (Idem).

Analisando os partidos em estudo com base neste aparato teórico, em termos de organização, a Frelimo tem a cultura de realizar congressos.

A Renamo desde a sua fundação realizou seis congressos e o MDM realizou o seu primeiro congresso em 2012. Apesar da sua presença organizacional em todos ou quase todos postos administrativos do país, estes partidos apresentam uma estrutura organizacional centralizada e nenhum dos partidos escapa de tensões no momento de eleições a certos cargos. Quanto a coerência, tanto a Frelimo, Renamo como o MDM nunca admitiram a existência de facções internas e isso se reflectia na comportamento dos membros em nome da disciplina partidária, apesar de em algum momento no partido Frelimo, ter sido visível a existência de facções (Nuvunga e Siteo, 2013). Contudo, algumas situações que colocam os membros em situações de divergência, principalmente entre aqueles que têm opiniões diferentes, no seio destes partidos, contribuem para crise no partido e em alguns casos em “nomadismo”.

No que diz respeito ao enraizamento na sociedade, tanto a Frelimo e a Renamo são partidos consideravelmente enraizados no país. Quanto ao MDM embora seja um partido com idade eleitoral menor em relação ao início do período multipartidário e independência no país, demonstra ser um partido enraizado na sociedade e com relações com a Sociedade Civil. Todavia, nas últimas eleições tanto a Renamo como MDM ressentiram-se do decréscimo do apoio eleitoral o que contribuiu diametralmente para a redução de assentos na AR.

E finalmente quanto a autonomia a Frelimo já teve cinco mudanças na sua liderança, sendo as duas últimas, de Guebuza e Nyusi as mais significativas. A Renamo, na sua história como partido apenas teve 2 alternâncias de poder ocasionadas pela morte de então seus líderes, fazendo com que sob ponto de vista de institucionalização partidária, não sejam significativas. Com esta alternância no poder, principalmente a segunda, ocasionada pela morte de Afonso Dlakhama diminuiu substancialmente o apoio eleitoral, assim como a

Frelimo teve um ligeiro decréscimo no apoio eleitoral. No que diz respeito ao MDM, este partido nunca teve um histórico de alternância de poder. As decisões nesses partidos, são tomadas por todos membros, mas a liderança do partido é que tem a autonomia de decisão, ou seja, as decisões são na última instância tomadas pelos presidentes do partido.

Deduzindo estas abordagens acima apresentadas, para explicar a institucionalização partidária da Frelimo, Renamo e MDM, é importante referir que apesar de serem partidos enraizados no país e apresentarem-se organizacionalmente em todo país, os mesmos não apresentam-se institucionalizados a todos os níveis, sobretudo a nível interno, ou seja, estes apresentam níveis de institucionalização partidária consideravelmente baixos.

## CAPÍTULO III

### 3. Revisão da Literatura

Apesar da sua manifestação em países e continentes, estudiosos tendem a tratar esse fenómeno como um comportamento anómalo e indesejável (Canon e Sousa, 1992); associado a um sistema partidário fracamente institucionalizado (Mainwaring e Torcal, 2005) ou como uma aberração ou um indicador de partido fraco e mal formado e um fenómeno associado a novas democracias emergentes ou instáveis (Janda, 2007).

Acrescentando e apresentando o outro lado do fenómeno, Heller e Mershon (2008) explicam que o “nomadismo” pode ser o que já foi anteriormente mencionado, mas pode ser ainda mais: primeiro, o “nomadismo” pode ocorrer mesmo nos sistemas estáveis e segundo mesmo quando o “nomadismo político”, presumivelmente, indica alguma doença subjacente do corpo político, sua importância vai muito além de qualquer utilidade. Em outras palavras, a mudança de partido tem implicações normativas, teóricas e substantivas vitais (Idem).

Vários termos como migração partidária, *party switching*, *floor crossing*, *party defection* etc, são usados para descrever o “nomadismo político” e uns tendem a tratar este fenómeno como uma variável dependente e outros como independente (Janda, 2007).

Para os estudos que se concentram no fenómeno como uma variável dependente procuram explicar as razões que levam um actor político a mudar ou não de sua filiação partidária (Desposato, 2006; Knott, 2017; Aldrich e Bianco, 1992) e para alguns estudos que tratam o “nomadismo político” como variável independente (Janda, 2007; Heller e Mershon, 2008) teorizam sobre as consequências políticas do “nomadismo” no nível micro, isto é, seus efeitos nos membros que mudam de partido. Esses estudos geralmente se concentram em dois tipos de resultado para os membros nómados: seu comportamento em relação ao voto e a probabilidade de reeleição.

Relativamente aos motivos que levam um político a ser nómado Aldrich e Bianco (1992), desenvolvem no seu estudo um modelo, considerando o período pré eleitoral, onde explicam que circunstâncias certos actores políticos mudam ou permanecem no seu partido. Ainda no seu modelo, os políticos mudam de partido guiados pela maximização das chances de vencer uma eleição e ocupar um cargo, considerando as chances de serem bem sucedidos nas eleições primárias (Aldrich e Bianco, 1992).

Citando Kato e Yamomoto (2005), Hott (2018) traz uma abordagem segundo a qual os políticos possuem diferentes visões sobre os rumos futuros da política, o que os leva a mudarem de filiação partidária. Neste sentido, alguns políticos mudam com base em *office-seeking*, de modo que eles enfatizam a busca por cargos, o que o torna um partido atractivo e por outro lado alguns são guiados pelo *policy-seeking* em que o domínio na competição partidária vem do partido mediano, já para Heller e Mershon (2009) o “nomadismo político” é consequência natural de ambição política e reacção a disciplina partidária.

Se a disciplina partidária é um obstáculo para políticos que preferem resultados, quer perseguindo uma certa política ou maximizar o voto para aumentar chances de reeleição, os políticos tem um incentivo para mudar de partido (Idem).

Heller e Mershon (2008) apresentam a tipologia do “nomadismo político” podendo ser classificado de quatro formas:

- Quanto a direcção: o “nomadismo” pode ser *inswitch* que é adopção formal do novo partido após ter feito parte de outro partido e *outswitch*, abandono de um partido a favor de outro;
- Quanto ao impacto no número de partidos: quando ocorre entre os partidos existentes, esta mudança deixa os partidos intactos, ou seja, não há nenhum impacto sobre o número de partidos. Embora isso não aconteça quando ocorre entre os partidos existentes, o número de partidos muda quando dentro de um partido existente, surgem dois ou mais partidos (*fission*); quando dois ou mais partidos emergem para criar um novo partido (fusão) e *start-up*, quando os políticos nômados fundam um partidos com parlamentares de múltiplos partidos;
- Quanto ao *timing*: esta mudança pode ser a solo, quando a mudança de um membro é isolada dos outros em termos de tempo, podendo-se considerar o actor que muda como independente; pode ser simultânea ou quase simultânea, quando um político muda no mesmo dia ou na mesma semana que os outros membros mudaram, podendo-se levantar a hipótese de uma mudança coordenada.
- Quando ano nível de escolha que o político: pode ser rule-driven move, mudança forçada pelas regras do parlamento e voluntário, quando não é guiado por regras. Este, inclui mudanças marcadas por expulsões.

Estudos desenvolvidos por Knott (2017) e Raedean (2013), chamam atenção para questões ideológicas argumentando que podem fazer com que um político seja nômado. Dado que os

políticos também se preocupam com políticas, os actores políticos preferem ser membros de partidos que são ideologicamente próximo deles, pois ser filiado com pessoas que tem visões diferentes afectam adversamente um político tanto a nível profissional quanto pessoal (Raedean, 2013).

Da mesma forma, os partidos querem ter membros que compartilhem mesma ideologia do que preferências políticas diferentes, pois aceitar membros cuja posição ideológica difere da plataforma política do partido, provavelmente enfraqueceram a unidade e fará com que a disciplina no partido seja problemática e dispendiosa (Idem).

A outra temática abordada pela literatura, diz respeito aos efeitos desse fenómeno para o político que muda de partido. Kerevel (2017), mostra os benefícios de mudar de partido utilizando as chances de um político participar de uma candidatura. Para o autor, políticos que mudam de partido tem menor chances de conseguir vencer uma eleição, resultado também encontrado por Aldrich e Bianco (1992) no seu modelo sobre filiação partidária.

Compartilhando a mesma ideia dos atores supracitados, Heller e Mershon (2008) observam que os políticos que mudam de filiação são menos propensos a concorrerem as eleições do que os que não mudam e de serem reeleitos caso concorram.

Desse modo, surge segundo Hott (2018), um paradoxo de migração partidária na medida em que porque os políticos mudam de filiação partidária mesmo tendo menores chances de vencer uma eleição, ou de ser penalizado em termos de votos nas futuras eleições e respondendo, Kerevel (2017) sugere que antes de concorrerem a uma eleição, os políticos devem conseguir uma candidatura e mudar de partido é uma das formas de consegui-la.

Portanto, quando o político percebe que as chances de conseguir uma candidatura no seu actual partido são baixas, ele muda para o outro partido. Na óptica de Aldrich e Bianco (1992) é isso que explica situações de mudança de partido em períodos pré-eleitorais movidos pelo *Office-seeking*, para o político ocupar um cargo é mais valioso do que não.

Raedean (2013), no que diz respeito ao impacto do sistema eleitoral no “nomadismo político” e respondendo a questão de Hott (2018), relativo a porquê os políticos mudam de partido correndo risco de serem penalizados pelos eleitores, referindo que as características do sistema eleitoral influencia a capacidade de os políticos desertores se protegerem da punição dos eleitores.

Por exemplo, em um sistema de listas fechadas, que é um sistema centrado em partido, os desertores do partido são isolados de retribuição dos eleitores uma vez que o eleitorado não

pode destacar os políticos nômados na votação por punição. Ao votar no partido preferido, os eleitores implicitamente dão o seu voto a todos políticos dessa lista, sejam desertores ou não (Idem).

Nas eleições centradas no candidato, no entanto, os eleitores podem reter o apoio para um candidato em particular e ao perceber isso, os políticos nômados são menos propensos a mudar em sistema centrados no candidato porque sabem que o seu partido alvo será menos capaz de o proteger da retribuição dos eleitores (Idem). Empiricamente, a mudança do partido deve aumentar sob as regras dos eleitores centrado no partido, uma vez que os desertores enfrentam custos de transacção mais baixos (Idem).

Muitas vezes, essa mudança não parte de um político mas de um grupo deles (Hott, 2018; Ikechukwu, 2015).

Na mesma ordem de ideia, Kemahlioglu e Sayari *apud* Hott (2018) no seu estudo sobre os factores que moldam o “nomadismo” a nível individual e colectivo, levantam a hipótese básica de que as mudanças a nível individual são influenciadas por decisões de cunho eleitoral imediato, o *vote-seeking* enquanto as colectivas tem uma preocupação maior com a influência que irão exercer no partido de destino, *policy-seeking*. Assim, o único factor que diferencia tais movimentos é a receptividade do partido de destino, uma vez que um actor político nômado é mais inclinado a se adaptar no novo partido, ao passo que a movimentação em grupo tendem a moldar o partido de destino (Idem).

### **Literatura sobre nomadismo político nas democracias africanas**

O “nomadismo político” não é um fenómeno novo no continente africano. Durante o período curto da democracia após a descolonização na década de 1960, significativo número de “nomadismo político” foram observados. No entanto, logo após a democracia dar lugar aos estados de partido único ou regime militar, este fenómeno perdeu relevância na maioria dos países (Geoke e Hartmann, 2011). A emergência de sistema de partido único, foi em muitos casos resultado do alto nível de “nomadismo” porque 99.9% deste fenómeno eram dos partidos da oposição para o partido governante (Williams, 1967).

Para Janda (2017), com a terceira onda de democratização em África na década de 1990, o fenómeno do “nomadismo” reaparece. Desde então, tem havido uma tendência para implementar regulamentos legais como um esforço para interromper este fenómeno.



No seu estudo, Geoke e Hartmann (2011) mostram que 26 dos 4 países africanos tem implementado leis anti-deserção nas suas constituições e nas suas leis eleitorais que proíbem a mudança de filiação partidária no parlamento. Ademais, distinguem cinco aspectos do “nomadismo político”: proibição de se tornar membro de outro partido político, proibições de renúncia voluntária do partido, proibições de renúncia ou exclusão voluntária do partido, proibições de voto contra o partido, proibições de ingresso em qualquer associação ou partido cujos objectivos ou actividades sejam de natureza política (Idem).

Mas e em democracias africanas o que explica o “nomadismo político”?

Para Ikechukwu (2015); Janda (2007) e Erdmann (2004) enquanto nas democracias desenvolvidas o “nomadismo” é baseado em questões ideológicas, em democracias em desenvolvimento o mesmo fenómeno se baseiam em questões materiais. Na mesma senda Miners (1971) argumenta que devido a importância do clientelismo na política Africana e o acesso que o actual partido tem aos fundos públicos valiosos, isso melhor explica porque existem tantas deserções em África.

Não obstante, Ikechukwu (2015) argumenta que estes movimentos são fundamentalmente motivados por questões estratégicas onde o actor político sai do seu partido para outro sem que a deserção reflecta a questões ideológicas. De facto é um fenómeno comum tanto nas democracias desenvolvidas quanto nas em desenvolvimento, as pessoas deixarem seus partidos por causa de outros (Idem).

Entretanto, o “nomadismo político” é resultante de choque de personalidades, disputas de poder, visões divergentes sobre a filosofia de um partido político, crises ou divisões dentro de um determinado partido, desacordo sobre a posição de um partido sobre uma questão e realização da ambição política pessoal (Idem).

De acordo com vários autores, os partidos políticos africanos são caracterizados pela falta de democracia intrapartidária, forte personalismo (Elischer, 2008; Erdmann, 2004) e essas características quando consideradas indicam baixo nível de institucionalização partidária (Basedau e Stroh, 2008; Erdmann, 2004). Nesse sentido, conflitos internos são tipicamente resolvidos com saída de membros que deixam o partido e criam um novo, e que pode levar a processos colectivos de “nomadismo” (Geoke e Hartmann, 2011).

Ainda sobre as razões que explicam o “nomadismo político” em África, Rakner e Van de Walle (2009), trazem uma novidade sobre o fenómeno da candidatura independente. Para

estes autores, existem vários factores que fazem com que um candidato saia do seu partido para concorrer como independente: primeiro, quando o candidato vê que concorrendo por um partido não irá aumentar as suas chances de ganhar e em vez disso opta por concorrer como independente. Segundo, quando não vence as eleições primárias dentro do partido ou quando não é seleccionado para concorrer pelo mesmo. Terceiro, os candidatos que concorrem de forma independente esperam se juntar a um partido que está propenso a vencer antes das eleições, seja para apoiar este partido ou para ter um posicionamento dentro do partido (Idem).

## Quadro 2: Factores do nomadismo político em África

A nível institucional	Fracas institucionalização partidária (centralização do poder, altos níveis de facionalismo, choque de personalidades, disputas de poder, visões divergentes sobre a filosofia de um partido político, crises ou divisões dentro de um determinado partido, desacordo sobre a posição de um partido sobre uma questão e realização da ambição política pessoal).
A nível individual	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Derrota nas eleições primárias no partido;</li> <li>• Procura de melhor posicionamento em termos de cargos (office-seeking);</li> <li>• Apoiar candidatura de um determinado partido (policy-seeking);</li> <li>• Prestígio social e económico;</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora

Sobre o debate que diz respeito aos impactos do “nomadismo político”, vários autores mostraram que este fenómeno pode ter implicações negativas, principalmente para as novas democracias. Segundo Ikechukwu (2015), tanto Mbah (2011) e Janda (2007), aprofundaram uma reflexão mostrando que o “nomadismo político” portanto, tem um impacto negativo no processo de consolidação da democracia sob situação de ameaça de inúmeras deserções entre

legisladores, governadores, vice-governadores e outros membros do partido no partido dominante.

Já, para Hoeane (2008), o impacto deste fenómeno manifesta-se através da proliferação de partidos políticos e reforça a fraqueza dos partidos políticos da oposição e se não observado, o “nomadismo” pode levar a instabilidade política principalmente para os países em que este fenómeno é considerado uma ameaça suficiente para a estabilidade do sistema político.

## CAPÍTULO IV

### 4. METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa. Neste tipo de pesquisa, o ambiente constitui a fonte directa para colecta de dados, interpretação de fenómenos e atribuição de significados, possibilitando ao pesquisador aprofundar a reflexão das relações e acções humanas, não perceptíveis e captáveis quantitativamente (Prodanov e Freitas, 2013) e para a presente pesquisa, o ambiente eleitoral e partidário constituíram a fonte directa para colecta, interpretação e atribuição de significado ao fenómeno em estudo.

O método de abordagem adoptado no presente trabalho foi indutivo. Para Marconi e Lakatos (2003, p.106), “neste método à aproximação dos fenómenos caminha geralmente para planos cada vez mais abrangentes, indo das constatações mais particulares às leis e teorias” e Gil (2002, p.10) acrescenta que de acordo com o raciocínio indutivo, “a generalização não pode ser buscada aprioristicamente, mas constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmados dessa realidade.” Ora, para a realização do trabalho, a partir da observação do “nomadismo político” a partir dos casos da Frelimo, Renamo e MDM, pretende-se a perceber factores que levam a ocorrência do mesmo em Moçambique. E da relação que pode se estabelecer entre o fenómeno e as causas, foi possível fazer a generalização do mesmo.

O método de procedimento usado para este trabalho foi o monográfico. Este método, consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações (Marconi e Lakatos, 2003). A investigação deve examinar o tema escolhido observando todos os factores que influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos (Idem). Deste modo, a partir do estudo dos partidos olhando para os actores políticos que fizeram ou fazem parte da Frelimo, Renamo e MDM, das condições no seio dos partidos, baseando-se no funcionamento destes partidos, foi possível fazer generalizações dos factores que explicam o nomadismo nesses partidos em Moçambique.

A unidade de observação do trabalho usada foi de amostragem determinada consoante os componentes característicos da população (Quivy e Campenhoudt, 2008), assim fazem parte da amostra os actores políticos que mudaram de filiação partidária.

No segundo momento, a amostra escolhida foi por acessibilidade ou conveniência, onde foram seleccionados actores políticos a quem se teve acesso, admitindo-se desta forma que estes possam, de alguma, forma representar o universo (Gil, 2008).

Foram considerados ser representativos no trabalho devido as limitações decorrentes no processo da elaboração do estudo e também partiu-se do pressuposto de que este subgrupo tinha um conhecimento suficiente em relação a este fenómeno.

Deste modo, realizadas 15 entrevistas, das quais 12 obedeceram as seguintes características: ser membro da Frelimo, Renamo ou MDM; exercer um cargo dentro do partido, seja por eleição ou nomeação; ter mudado de filiação partidária desses ou para os partidos em estudo; que tenha desertado de um desses partidos para concorrer como independente no período de 2008 à 2019.

Para se ter uma visão conjunta estudo, ou melhor, para se entender o fenómeno do “nomadismo”, esta pesquisa também considerou 1 académico e 2 membros dos partidos em estudo pelo facto de conhecerem os factores que explicam o “nomadismo” nos seus partidos.

Para alcançar os entrevistados, o presente estudo usou também amostra não probabilística do tipo “bola-de-neve”. Neste tipo de amostra, os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente até que seja alcançado o objectivo proposto (Velasco e Rada, 1997). Deste modo, aos que foram sugeridos, entrevistou-se-lhes e pediu-se-lhes que sugerissem outros potenciais respondentes até que se completasse a amostra.

Relativamente as técnicas de recolha de dados, deu-se, numa primeira fase, prioridade a documentação indirecta, que implica o levantamento de dados de variadas fontes (Marconi e Lakatos, 2003) Neste estudo, o levantamento de dados foi feito de duas maneiras: pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

Na pesquisa bibliográfica que abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, foram levantados dentre vasta literatura sobre o assunto, também jornais electrónicos tais como: A Verdade, O País, Zambeze, Carta de Moçambique; revistas periódicas como Cadernos IESE, Nigerian Journal of Social Sciences, World Politics, Novos Estudos Cebrap, International Journal of Peace and Development, Afro Asian Journal of Social Sciences entre outros.

Ao passo que, na pesquisa documental onde a fonte de recolha de dados está restrita á documentos, foram levantados estatutos dos partidos, Comunicado de imprensa da CNE e Legislações.

Numa segunda fase, fez-se o uso da observação directa intensiva do fenómeno, em que a colecta de dados privilegiou as entrevistas semi-estruturadas, que são guiadas por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo do seu curso (Gil, 2002). As entrevistas realizadas, permitiram por seu turno, a captação de maior número de informações precisas relativos não só aos factores explicativos e determinantes do “nomadismo político”, como também do funcionamento interno dos partidos e seguiu-se um roteiro previamente estabelecido com perguntas predeterminadas.

Em relação à análise e interpretação dos resultados, usou-se análise de conteúdo na dimensão qualitativa. Esta análise aparece como uma ferramenta para a compreensão de significado que os atores sociais exteriorizam no discurso, sendo dessa forma possível a construção de significados que apresentem uma compreensão mais aprofundada da interpretação de realidade do grupo estudado (Bardin, 1994).

Assim, a materialização desta técnica para o presente trabalho consistiu numa primeira fase na leitura do material eleito para a análise: entrevistas transcritas e jornais, que permitiu a criação de categorias para organizar e agrupar as informações e posteriormente as inferências e interpretação desta. Esta técnica, facilitou a análise e interpretação dos resultados, que apresentamos em capítulos e subcapítulos inerentes ao fenómeno do “nomadismo político”.

#### **4.1. Limitações do estudo**

- Esta pesquisa teve como limitações o facto de certos actores políticos (entrevistados) desviarem as respostas, não expressando assim os seus sentimentos reais, se verem alguma vantagem ou desvantagem nisso;
- Indisponibilidade de certos políticos, não sendo desta forma, possível realizar entrevista com os mesmos o que fez com que se recorresse a entrevistas secundárias apresentadas nos jornais;
- A desconfiança e constrangimento por parte de alguns políticos em falarem quando confrontados com o assunto;
- A outra limitação deveu-se as medidas de distanciamento social impostas face a pandemia de COVID-19, fazendo com que algumas entrevistas fossem realizadas pelo celular.

## PARTE II

### CAPÍTULO I

#### 1. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

##### 1.1. Nomadismo político nos partidos com representação na AR em Moçambique: Frelimo, Renamo e MDM e sua organização interna

Esta subsecção tem como objectivo descrever o funcionamento interno da Frelimo, Renamo e MDM. Assim, analisa-se as opiniões e percepções dos autores que estudaram esses partidos e dos actores políticos filiados ou que já estiveram filiados nesses partidos que foram entrevistados.

Neste sentido, para Nuvunga e Siteo (2013), embora a Frelimo tenha um bom desempenho a todos níveis de institucionalização partidária, é muito mais considerado um partido solidamente organizado.

Todavia, alguns eventos no partido, sobretudo os últimos, ocasionados pelo funcionamento interno do partido e pelos fenómenos do “nomadismo político” têm colocado em causa a institucionalização deste partido. Um dos eventos, foi a acusação do presidente do partido de violar de forma grosseira os estatutos da Frelimo, transformando o partido num grupo que depende da vontade de uns poucos, numa formação anti-democrática descambado para a tirania, manipulando o partido para implantar um regime de pensamento único, autocrático (Carta de Moçambique, 2019c).

Evidenciando, outra atitude anti-democrática foi descrita pelo antigo membro distrital de Kamavota, a quando da eleição dos membros para Assembleia Municipal. Segundo o entrevistado

Os membros da Assembleia Municipal, que se equipara ao parlamento, são eleitos no seio dos distritos e depois encaminhados numa lista, mas naquele ano, a lista só apareceu na cidade de Maputo, nós próprios que somos membros da Assembleia Municipal, ficamos surpresos porque de cima para baixo fomos impostos a lista dos que vão a Assembleia Municipal.<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup>A.Z, em entrevista no dia 27 Janeiro de 2014.

Ademais é preciso ressaltar que nos anos anteriores os motivos manifestos pelos membros para justificar a sua saída resultavam da forma pela qual o partido funciona em certos aspectos. António Frangoulis, um dos membros que desertou da Frelimo em 2014 afirmou numa entrevista a Canal de Moçambique que, “na Frelimo, tudo o que se combatia antes, hoje é o que se defende: o nepotismo, o apadrinhamento, a corrupção, o roubo, até o tribalismo” acrescentando o mesmo se pronuncia da seguinte maneira “hoje defende o tribalismo, o regionalismo, recusa a crítica e a autocrítica, nela não se pode falar, não se poder ter ideias próprias” (Canal de Moçambique, 2014).

Motivos do género do que acima foi exposto, foram também apresentados por Carlos Jeque quando explicou que o seu problema não era com o candidato Nyusi, mas sim com o sistema anacrónico, viciado, maléfico e rodeado de “gangstarismo” que a Frelimo montou e foi se sedimentando ao longo dos anos (Jornal Notícias, 2014).

Um dos entrevistados que já foi filiado a Frelimo, explica que a sua saída e demais membros deste partido, foi motivada e antecedida por um conjunto de esforços e petições, sem sucesso, para mudar o rumo não democrático no seio do partido caracterizado por violação de procedimentos democráticos, dos direitos civis políticos e socioeconómicos.<sup>6</sup>

Quanto a Renamo, para Nuvunga (2014), este é um partido profundamente enraizado na sociedade, principalmente na área rural. Contudo, na sua opinião devido a sua fraca consistência organizacional, este partido está quase paralisado organizacionalmente. Especificando, Chichava (2010), avança que os problemas eleitorais deste partido, Renamo, estão relacionados com a maneira personalista e demasiado centralizadora através da qual o seu líder, Afonso Dhlakama, geria o partido.

A título de exemplo pode se ilustrar na escolha de membros a serem eleitos, uma forte influência do presidente do partido na composição da lista de deputados e indicação para certos cargos públicos como afirma Ossufo Momade: “A lista é preparada na conferência provincial mas é redefinida pelo líder de forma a ter candidatos confiados pelo presidente” (Savana, 2009), bem como falta de transparência na elaboração das listas a diferentes cargos políticos.

---

<sup>6</sup>A.Z, em entrevista no dia 27 de Janeiro de 2021.



Nesta lógica, como se pode depreender do que acima foi dito, decisões de cunho colectivo e que envolvem as bases do partido, são tomadas exclusivamente pelo presidente do partido, violando deste modo, os estatutos do partido.

Ademais, a centralização do poder na figura do presidente, faz com que haja intolerância a competição dentro da Renamo (Nuvunga, 2014), isto porque o líder da Renamo receava que dentro do partido surgisse uma figura que ameaçasse o seu poder. Então, quando este aparecesse, era marginalizado ou mesmo expulso. Assim como foi o caso de Raúl Domingos, que era considerado o “número dois” do partido e expulso alegadamente por ter traído o partido Renamo (Chaimite, 2011).

Com efeito, a morte do Dhlakama viria a aprofundar a crise interna da Renamo, como confirma um dos entrevistados, quando questionado a razão da sua saída da Renamo:

O Dhlakama morreu, a nova liderança da Renamo não conseguiu gerir o processo tal como foi definido, houve muitas contradições dentro da Renamo, confusões nas listas, um monte de confusões [...] chegamos na Renamo com um objectivo, na qual nos fez ir a Renamo e não foi alcançado, a Renamo não apresentou uma estrutura de nos manter lá. Em termos de organização, o MDM é mais organizado.<sup>7</sup>

Para Campira, o maior pecado de Ossufo Momade é de desvalorizar deputados renamistas na AR de “peso”, bem como as reivindicações da Junta Militar, e de membros e simpatizantes da Renamo (Zambeze, 2019) e partilhando as razões que levaram ao seu afastamento da Renamo, o mesmo afirma: “o meu distanciamento em relação a liderança da Renamo tem haver com a marginalização, a Renamo marginalizou-me, a Renamo de Ossufo Momade marginalizou-me” (Idem).

Associando ao que acima foi escrito, pode se mencionar a experiência vivenciada num encontro de quadros da Renamo no dia 18 de Fevereiro de 2019, onde com objectivo de revitalizar o partido, muitos membros foram exonerados pelo então presidente do partido Ossufo Momade, tendo sido no lugar dos mesmos sido indicados outros membros (DW, 2019b), a revelia dos estatutos do partido o que mostra a gestão antidemocrática do partido.

Para Sandura Ambrósio, um dos membros exonerados, que viria mais tarde se filiar ao MDM:

---

<sup>7</sup>E.Y, em entrevista no dia 24 de Janeiro de 2020.

Esta comissão política veio impor, não eleger o novo delegado político provincial. Nós como membros exigimos que se façam eleições democráticas para escolhermos os nossos novos dirigentes, tal como aconteceu no congresso aquando da eleição do Ossufo Momade para a presidência (Voa Português, 2019).

Ademais, segundo os Estatutos da Renamo (2013: 46) no sexto artigo sobre princípios democráticos estabelecem “Eleição, por voto secreto, dos titulares dos órgãos do partido; o respeito de todos pelas decisões da maioria, tomadas segundo os presentes estatutos”, porém este princípio foi violado pelo presidente do partido.

A semelhança da Frelimo e Renamo, Daviz Simango usou mesmos métodos para a gestão do MDM, um líder antidemocrático averso a críticas, mesmo que sejam internas. Essa situação acima exposta é alicerçada por Mabunda *apud* Chaimite (2011) quando refere que:

Simango e Dhlakama foram cozinhados na mesma panela. De facto, muita gestão ocasional e ad-hoc, Simango aprendeu com Dhlakama. A única diferença é que um é Afonso e outro é Daviz, mas pensamento político, critérios ou métodos de gestão e de liderança são os mesmos, tal como são os mesmos apelidos - Dhlakama é Simango, Simango é Dhlakama. Suas acções e reacções são mesmas.

Uma das primeiras atitudes não democrática de Daviz, segundo Chichava (2010), foi a dissolução da Comissão Política do MDM em 2010 sob pretexto de querer *imprimir nova dinâmica*<sup>8</sup>, uma decisão vista em alguns círculos como uma reedição das atitudes anti-democráticas que caracterizam Afonso Dhlakama na Renamo.

De acordo com o estatuto do MDM (art.28) dentre várias competências do presidente, não prevêem que o presidente dissolva a Comissão Política cabendo ao mesmo presidir as reuniões da Comissão Política e nomear os chefes dos departamentos nacionais, ouvida a Comissão Política Nacional (Estatutos do MDM, 2013), facto que juridicamente pode se considerar abuso de poder por parte de Daviz Simango (Chichava, 2010).

A violação dos estatutos do partido, aliado aos outros acontecimentos dentro do partido, seria uma das motivações da renúncia do mandato de alguns membros como Manuel da Araújo alegadamente porque os quadros do MDM a vários níveis tomavam posicionamentos incoerentes relativamente a interpretação dos estatutos (A Verdade, 2018b).

---

<sup>8</sup> Significava, na verdade, afastar certos elementos que já não traziam nenhuma mais-valia ao partido, perseguindo “agendas pessoais” e trazendo conflitos no seio do MDM.

Igualmente, é importante referir que assim como na Renamo e Frelimo, no MDM a violação dos estatutos é caracterizada pela falta de transparência na elaboração das listas a diferentes cargos políticos. Essa situação, foi afirmada por um dos entrevistados “repara que eu fui número 19 mas depois fui chefe da bancada. Então ninguém percebe qual é a lógica que o partido usa para alinhar os membros.”<sup>9</sup>

Mais ainda, ao se analisar a gestão do partido é possível constatar a centralização do poder na figura do presidente do partido. Como se pode depreender, essa tese, é confirmada nos pronunciamentos de um dos entrevistados:

Tem uma imagem de um partido moderno mas internamente é um partido muito centralizado, coisa que nos criticávamos, por exemplo o MDM critica muito a centralização dos poderes ao nível do presidente da República mas no MDM os poderes do presidente do MDM são muito mais concentrado do que os poderes do presidente da República, portanto é um partido muito centralizado que quer combater a centralização.<sup>10</sup>

No mesmo curso de pronunciamentos o outro entrevistado acrescenta:

Sobretudo no MDM a decisão é centralizada no presidente, de forma extravagante queimando aquilo que são os preceitos traçados dentro do partido, a norma e a ética, do funcionamento de qualquer instituição política sobretudo quando há características voluntárias, portanto, eu sinto isto, sem muita simpatia senti, já não sinto isto.<sup>11</sup>

O outro ponto é que o MDM é apresentado como um partido cuja liderança está centrada na família de Daviz Simango, apresentando uma ligeira diferença com a Renamo, pois os familiares de Dhlakama nunca estiveram no topo das estruturas do partido como no MDM (Nuvunga e Adalima, 2011).

Sobre o que acima foi exposto, um dos entrevistados em seus pronunciamentos considera:

Há competências claras no estatuto mas de uma forma MDM estrangula, quer dizer, não mede. Chegamos um momento em que o chefe da bancada é o irmão, chefe da bancada da Assembleia Municipal é a prima, a cunhada, sei lá o que, vereador o

---

<sup>9</sup>E.Y, em entrevista no dia 24 de Janeiro de 2020.

<sup>10</sup>M.V, em entrevista no dia 20 de Dezembro de 2019.

<sup>11</sup>G.J, em entrevista no dia 01 de Março de 2020.

primo, eu não estou a ver um órgão lúcido colectivo, decidir que as coisas devem ser assim.<sup>12</sup>

Outros entrevistados corroboram com a ideia de que o MDM é um partido fechado a família, ou seja, a sua estrutura como partido é excessivamente controlada pelos irmãos Simango, fazendo com que os cargos sejam atribuídos em função de familiaridade e etnia justificada pela imposição por parte da liderança de membros do partido da Cidade da Beira nas listas dos maiores círculos eleitorais - Zambézia e Nampula.<sup>13</sup>

Todos os exemplos argumentativos expostos acima, mostram que tanto a Frelimo, Renamo e MDM embora tenham uma génese diferente partilham, em alguns aspectos, os mesmos problemas que derivam da sua respectiva organização interna que se resumem em marginalização de membros, violação dos estatutos do partido, centralização do poder nos líderes dos partidos, nepotismo, tribalismo etc.

A centralização do poder nos líderes dos partidos, faz com que os presidentes dos partidos desempenhem funções que o estatuto não lhes compete, impedindo e constringendo deste modo as actividades dos outros membros do partido que em certos casos acabam mudando de partido. Situação do género, foi um dos motivos apresentados por Venâncio Mondlane para explicar a sua saída do MDM (O País, 2018).

Isso deve-se ao facto dos partidos em estudo, Renamo e MDM, apresentarem uma estrutura administrativa inspirada na Frelimo. Acrescentando, o entrevistado afirma:

Todos os partidos que estão em funcionamento em Moçambique, são de certa forma uma ramificação da Frelimo: Aqueles que saíram da Frelimo fizeram a Renamo e aqueles que saíram da Renamo fizeram o MDM, significa que aqueles que saíram da Renamo para MDM encontraram na Renamo os mesmos problemas que os outros encontraram na Frelimo. O que fez sair da Frelimo e engrenar na Renamo foi o mesmo que lhes fez sair da Renamo para engrenar no MDM. Então, logo estamos a dizer que o embrião político é a Frelimo<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup>G.J, em entrevista no dia 01 de Março de 2020.

<sup>13</sup>M.V, em entrevista no dia 20 de Dezembro de 2019 e O.F, em entrevista no dia 04 de Agosto de 2020.

<sup>14</sup>E.L, em entrevista no dia 09 de Fevereiro de 2021.

## 1.2. Nomadismo político nas vésperas das eleições: Ideologia ou interesses particulares?

Compreender se realmente as circunstâncias, ideologias ou interesses particulares constituem factores do “nomadismo”, implica antes de mais nada, compreender o estado do partido nas vésperas das eleições e as acções dos actores políticos.

Para Chichava (2010), à semelhança do que acontece na Frelimo, e com maior incidência na Renamo, onde os processos de escolha dos candidatos a deputados ou às eleições locais são quase sempre caracterizados por crises, intrigas e interferências constantes das lideranças dos partidos, MDM também conheceu momentos de tensão na altura da constituição das listas de candidatos a deputados: todos queriam ser deputados, o que se explica num contexto em que, mais do que uma questão ideológica e de convicção, a política é vista por muitos apenas como um dos meios mais seguros para a obtenção de vantagens materiais e de prestígio social.

Concordando, com o autor supracitado, um dos entrevistados afirma:

As pessoas querem fazer da política uma fonte de renda, resultado: muitos conflitos internos para as poucas posições que existem no estado. A Renamo não sendo o governo, o MDM não sendo o governo, onde tem espaço para acomodar quadros é na Assembleia da República e daí só pode existir guerra para as pessoas irem lá.<sup>15</sup>

Dando mais fundamentações, para explicar as deserções no MDM, David Simango se pronunciou da seguinte forma:

Agora se alguém entra para protagonismo individual para interesses pessoais, naturalmente não vai encontrar essas expectativas e fica frustrado e encontra caminho de ir a outros voos. Eu penso que o problema não é democracia, o problema, são os interesses pessoais (A verdade, 2018).

Desta feita, é obvio que em alguns casos a mudança de filiação partidária é explicada pelo interesse particular, considerando que a política é vista por muitos como um instrumento de ascensão económica e prestígio social, alguns políticos optam em mudar para o partido que apresenta mais chances de permitir-lhes reeleição na AM ou AR e isso é justificável pelo tempo em que estas mudanças acontecem: vésperas das eleições, em alguns casos em menos de três meses para a sua realização.

---

<sup>15</sup>E.Y, em entrevista no dia 24 de Janeiro de 2020.

Um dos entrevistados, considerou essa situação como uma tradição no seio dos partidos Frelimo, Renamo e MDM, pronunciando-se da seguinte forma: “quando chega a véspera das eleições, lobby, *ways*, corrupção, compra se tudo mais alguma coisa e até conflitos e nisso, nem o partido no poder escapa.”<sup>16</sup>

O exercício de funções em dois partidos, pode ser também um factor explicativo dos interesses particulares. Primeiro é preciso considerar que alguns políticos, quando mudam de filiação partidária, não renunciam no partido até então filiado esperando o término do seu mandato e desempenham algumas funções, ainda que não oficialmente, noutro partido.

Se por um lado, para Muhale (2018) alguns sectores da sociedade consideram que estes membros ao desertar de partidos, agem em busca de benefícios financeiros, sociais e materiais, uma vez que em vários casos, as desavenças agudizaram quando se percebem preteridos da disputa a cargos dentro partido, governos municipais, provinciais ou à nível nacional: Assembleia da República.

As renúncias a mandatos de deputados da Assembleia da república e com isso a perda de todos privilégios inerentes, sugere que devemos observar as trajectórias e deserções desses membros não como uma busca desenfreada de benefícios materiais ou mero desvio heterodoxo de militância política, mas sim, como uma forma de viver a democracia tal como ela se constitui na sociedade Moçambique (Idem).

A renúncia de mandato por si só, não é suficiente para afirmar se um actor político tem ou não interesses pelos privilégios advindos do cargo ocupado, é necessário olhar para o tempo em que a mesma ocorre, ou seja, se a renúncia de mandato ocorre no meio ou no período próximo a conclusão do mesmo, e é necessário ainda olhar para o actor político, se o mesmo está ou não filiado ou desenvolve actividade num outro partido, ainda que não seja de forma oficial.

Mas também, é importante perceber que, ainda que o nomadismo resulte da escolha individual do político, nem sempre o político é o primeiro a ter iniciativa para mudar de filiação partidária, em algumas circunstâncias são os presidentes dos partidos que procuram por políticos que possam trazer ganhos a sua organização partidária em termos de votos (vote-seeking), convidando-os para que se filiem no seu partido.

---

<sup>16</sup>F.L, em entrevista no dia 03 de Julho de 2020.

Posto esse argumento, pode se considerar o seguinte exemplo de filiação de um político no MDM em 2013 e posteriormente na Renamo em 2018.

Fui convidado a fazer parte na elaboração dos estatutos do partido e para aderir o partido e eu disse não estava interessado, ia dar o contributo mas não estava interessado em aderir ao MDM em 2008/2009 porque a única coisa que eu queria era garantia de que seria um partido nacional, um partido que superasse a questão da etnicidade por ai, mas depois em 2013 senti necessidade de que precisava de fazer política activa, o MDM me convida para concorrer ao Município de Maputo.<sup>17</sup>

Compartilhando a sua experiência, que diz respeito a sua filiação a Renamo, afirma “Eu já estava sendo namorado por Afonso Dhlakama há muito tempo então eu achei por bem, se não tenho espaço aqui, ninguém me quer ouvir, tudo que digo é incompatível, vou passar para outra margem não é?”<sup>18</sup>

No que diz respeito a ideologia, para maioria dos políticos, esta não constitui uma razão para a saída de membros de um partido para outro, primeiro, porque os mesmos desde o presidente do partido não tem noção do que é uma ideologia, simplesmente falam em nome do povo e segundo, se há problemas ideológicos dentro de um partido, é dentro do mesmo que se deve discutir a revogação, alteração de alguns princípios estabelecidos nos estatutos.<sup>19</sup>

Por outro lado, saídas de alguns membros nas vésperas das eleições nestes partidos, são explicadas por divergências de visão sobre diversos assuntos e sobre determinadas pessoas que devem ocupar cargos dentro do partido.

Uma das situações, foi o que se viveu no MDM nas vésperas das eleições autárquicas de 2018, numa altura em que se pensava numa possível coligação entre a Renamo e MDM, como explica um dos entrevistados:

O facto é que havia necessidade de nos fortificarmos mais o partido e aliado a isso havia uma forte possibilidade da oposição ganhar as eleições em Maputo mas também estava claro que o MDM sozinho não ganharia as eleições. Esse cenário estava mais que claro para todos mas faltou consenso nas lideranças.<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup>M.V, em entrevista no dia 20 de Dezembro de 2019.

<sup>18</sup>M.V, em entrevista no dia 20 de Dezembro de 2019.

<sup>19</sup>F.L, em entrevista no dia 03 de Julho de 2020; C.S, em entrevista no dia 03 de Julho de 2020; A.Z, em entrevista no dia 27 de Janeiro de 2021 e S.A, em entrevista no dia 19 de Janeiro de 2021.

<sup>20</sup>E.Y, em entrevista no dia 24 de Janeiro de 2020

Mais ainda, a divergência sobre o candidato a eleição internas no partido, que materializou-se com a rejeição de uma candidatura nas eleições primárias, apresentou-se também como factor explicativo do “nomadismo político” na Frelimo, pelo menos para os membros que apoiavam a candidatura de Samora Machel Jr. como foi possível afirmar segundo um dos entrevistados:

Presidente do PODEMOS, é militante muito antigo da Frelimo, o Forquilha, emigrou, saiu da Frelimo, porque ele tinha em mente que o melhor candidato tinha de ser um jovem e esse jovem estava fixo na cabeça dele chamava-se Samito Machel mas a maioria dos militantes da Frelimo, entenderam que a pessoa elegível não é Samito, tem de ser o Comiche entraram em divergências e ele emigrou, abandonou a Frelimo.<sup>21</sup>

Já para o candidato que viu a sua candidatura rejeitada, veio a justificar que se juntou a AJUDEM pelo único facto de ter sido afastado da corrida interna na Frelimo, onde ele frisou, que era o único que cumpria 100% dos requisitos da candidatura (Carta de Moçambique, 2019).

É neste contexto de divergência, que é possível notar que alguns membros mudam de filiação partidária para apoiar a candidatura de membros que foram impedidos, ou perderam nas eleições primárias do partido. Pode-se, através do que foi anteriormente escrito, se considerar as eleições autárquicas de 2008 onde vários membros que pertenciam a Renamo, saíram do partido para apoiarem a candidatura independente de Daviz Simango, assim como membros que na véspera das eleições autárquicas de 2018 saíram do MDM para a Renamo para apoiar Venâncio Mondlane, e alguns membros saíram da Frelimo para apoiar a candidatura de Samora Machel Jr.

### Quadro 3: Factores do nomadismo político em Moçambique

A nível institucional	Fracas institucionalização partidária (autoritarismo, desvalorização de membros dentro do partido, divergências de opinião, falta de transparência no processo de recrutamento a cargos por eleição, concentração de poderes no presidente do
-----------------------	---

<sup>21</sup>M.C, em entrevista no dia 19 de Janeiro de 2020.



	partido, violação dos estatutos do partido, atribuição de cargos por afinidade familiar ou étnica).
A nível individual	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Derrota nas eleições primárias no partido;</li> <li>• Expectativas não alcançadas</li> <li>• Quando o candidato não é seleccionado para concorrer pelo partido;</li> <li>• Procura de melhor posicionamento em termos de cargos (office-seeking);</li> <li>• Apoiar candidatura de um determinado partido ou de um candidato (policy-seeking);</li> <li>• Prestígio social e económico;</li> <li>• Quando o membro não consegue renovar o mandato na AR ou AM.</li> </ul>

**Elaborado pela autora**

### **1.3. Porquê, sobretudo, a Renamo ou MDM e não Frelimo?**

Algo questionável referente ao “nomadismo”, além do tempo em que ocorre é porque envolve principalmente os principais partidos da oposição, pelo menos em termos de número dos membros que saem do partido.

Diz-se que os políticos desertam da oposição para o partido maioritário, pensando que ali terão ganhos e mesmo que a Frelimo não possa lhes atribuir altos cargos aos novos integrantes do Governo, pode sempre colocar os membros em, lugares de liderança nas grandes empresas do país (DW, 2014), mas a experiência eleitoral desde as autárquicas de 2008 até 2019, sem excluir os casos de “nomadismo” no partido Frelimo, mostram principalmente, outra direcção: da oposição para oposição como a tabela ilustra:

**Quadro 4: Mudança de filiação partidária entre 2008 á 2019**

Ano de eleições	2008	2009	2013	2014	2018	2019
<b>António Chiguemane</b>	Renamo-MDM	MDM	MDM	MDM	MDM-Renamo	RNM
<b>Venâncio Mondlane</b>	Frelimo	---	MDM	MDM	MDM-Renamo	RNM
<b>Linette Olofsson</b>	Renamo-MDM	MDM	MDM	MDM	MDM	MDM-Renamo
<b>Manuel de Araújo</b>	RNM-Indep	MDM	MDM	MDM	MDM-Renamo	Renamo
<b>Francisco Campira</b>	---	---	PASOMO	Renamo	Renamo	Renam-PASOMO
<b>Carlos Jeque</b>	Frelimo	Frelimo	Frelimo	Frelimo-?	---	Frelimo
<b>Geraldo Carvalho</b>	Renamo -Indep	MDM	MDM	MDM	MDM	Renamo
<b>Ismael Nhaucucú</b>	---	---	MDM	MDM	MDM-Renamo	MDM
<b>Ismael Mussa</b>	Renamo	MDM	Indep (JPC)	---	---	---
<b>João Colaço</b>	Renamo	MDM	JPC	---	---	---
<b>Jossias Macuacua</b>	Renamo-MDM	MDM	MDM	MDM	MDM	MDM
<b>António Frangoulis</b>	Frelimo	Frelimo	Frelimo	Frelimo- MDM	MDM-Renamo	Renamo
<b>Albano Bulaunde</b>	Renamo	Renamo	Renamo	Renamo	Renamo	Renamo-MDM
<b>Albino Forquilha</b>	Frelimo	Frelimo	Frelimo	Frelimo	Frelimo- AJUDEM	PODEMOS

**Fonte:** Adaptado pela autora com base no acórdão n° 31/CC/2009 (2009) do Conselho Constitucional, jornais e com base no Comunicado de imprensa da CNE (2018).

Um dos entrevistados refere “É muito difícil que haja um processo de nomadismo que parta de alguém que já esteve na Frelimo para Frelimo. É mais fácil uma transição entre os partidos da oposição e entre da Frelimo para a oposição do que da oposição para a Frelimo.”<sup>22</sup>

Para outro entrevistado, “O problema é este: estes dois partidos, um é consequência do outro e eles identificam-se muito bem, e não precisam de pensar muitas vezes para poderem fazer este *change* e eles na sua, digamos utopia, pensam que aqueles termos ideológicos são mesmos.”<sup>23</sup>

Se considerada as ideias acima apresentadas, será que o facto de alguns membros mudarem de filiação da Renamo para MDM ou vice-versa, partidos que dispõem de poucos recursos quando comparados a Frelimo, não desfaz essa teoria de interesses materiais como variável explicativa do “nomadismo”?

Penso que não, não desfaz. A Frelimo tem muito mais recursos para oferecer no quadro do clientelismo estatal, mas não significa que pode dar para toda gente. Mas não é só isso. Temos que ter em conta os sentimentos produzidos pelas trajetórias de vida das pessoas: mesmo não tendo uma ideologia distinta bem construída, um membro da Renamo descontente, que quer sair da Renamo, pode, no entanto odiar a Frelimo e nunca desejar ir para lá.<sup>24</sup>

Outro entrevistado, concordando com o que acima foi afirmado acrescenta:

Todos aqueles que mudaram da Renamo para MDM, vice-versa, o conflito que eles tiveram foram problema de listas para membros da Assembleia Municipal, deputados, membros para Assembleia Provincial. Considerando que há remunerações lá, é explícito<sup>25</sup>.

Ademais, é necessário considerar que mais do que ganhar eleições o que vêm em primeiro lugar para os membros que mudam de filiação partidária, são os cargos para a AM e AR.

<sup>22</sup>E.L, em entrevista no dia 09 de Fevereiro de 2021.

<sup>23</sup>F.L, em entrevista no dia 03 de Julho de 2020.

<sup>24</sup>H.M, em entrevista no dia 12 de Janeiro de 2021.

<sup>25</sup>M.C, em entrevista no dia 27 de Janeiro de 2021.

Analisando a tabela, é possível evidenciar que enquanto alguns membros da Renamo ou MDM mudam, principalmente, para MDM ou Renamo respectivamente, a tendência de alguns membros que já foram filiados a Frelimo, em muitos casos, é de mudar para a oposição ou fundar seus próprios partidos.

Quando questionados porquê optaram por MDM ou Renamo ou ainda, em alguns casos, retornar a sua antiga filiação partidária, as respostas variam desde a falta de interesse pela Frelimo e não identificação com o mesmo partido.<sup>26</sup>

#### **1.4. Nomadismo político ou fragilidade das eleições?**

O “nomadismo” tem implicações para o partido em que ocorre, tornando-o além de enfraquecido, sensível a este fenómeno. Por exemplo, anos após a criação do MDM, este partido viria a sofrer várias crises sucessivas resultantes das saídas de membros que viriam a fundar ou a filiar-se a outros partidos (Chichava, 2019).

Ora, se as implicações desse fenómeno afectam os partidos internamente, o mesmo acontece com o seu desempenho nas eleições, sejam autárquicas ou gerais, o que consequentemente afecta no número de assento na AM e na AR.

Se prestar atenção nas terceiras eleições autárquicas de 2008, é possível notar que as mesmas realizam-se no contexto de uma oposição enfraquecida e ainda mais dividida, de que é exemplo de destaque a candidatura independente de Daviz Simango (Nuvunga, 2012) e que essa crise iria se estender até ao ano seguinte, ano das eleições gerais. Esse fenómeno teve implicações nos resultados eleitorais deste partido que culminou com decréscimo nos assentos para 195, quando comparado ao ano de 2003 que tinha 246 (CIP e AWEPA, 2013).

Concordando com o que acima foi exposto e dando mais créditos, um dos entrevistados, acredita que esta situação do “nomadismo” foi de frente e afectou bastante a Renamo que saiu muito fragilizada, por não ter conseguido controlar os seus membros o que tornou o MDM robusto visto que recebeu grandes e muitos quadros da oposição. Isso fez com que as pessoas olhassem para o MDM como uma alternativa em relação a Frelimo e Renamo.<sup>27</sup> Acrescentando, refere que resultante desse fenómeno, as deserções no seio da Renamo fizeram com que o mesmo tivesse um decréscimo, tendo de se refazer. Contudo,

---

<sup>26</sup>E.Y, em entrevista no dia 24 de Janeiro de 2020 e G.J, em entrevista no dia 01 de Março de 2020.

<sup>27</sup>F.C, em entrevista no dia 21 de Julho de 2020.

mesmo com o aumento de número de deputados, nunca conseguiu atingir os patamares de 1994 e 1999 onde teve melhor desempenho.<sup>28</sup>

Em relação a esse decréscimo, a Frelimo também ressentiu-se em 2014 e o motivo por detrás disso pode ter sido a alternância na presidência do país e da Frelimo. Concordando com o que acima foi escrito, um dos entrevistados afirma “Sempre na Frelimo quando concorre o candidato a primeira vez, ele tem votos reduzidos e quando vai para o segundo mandato, sobe na ordem sessenta, setenta porcentos.”<sup>29</sup>

Considerado isso, o fraco desempenho dos partidos nas eleições e a redução dos assentos nas Assembleias sejam Municipais ou da República, nunca deve ser directamente ligada somente ao “nomadismo político”.

O “nomadismo” contribui para fraqueza interna dos partidos e consequentemente o seu desempenho nas eleições, porém, é preciso considerar que o ambiente em que decorrem as eleições é muitas vezes marcado por vários incidentes, fraudes eleitorais e que geralmente os resultados não reúnem consensos, o que, se analisado, também contribui para a fraqueza dos partidos e decréscimo no número de assentos, fazendo com que o “nomadismo” não seja o único factor explicativo destas situações.

Sobre as eleições autárquicas de 2018 e gerais de 2019, um dos entrevistados considera que o decréscimo de assentos parlamentares do MDM não resulta da saída de membros como Venâncio Mondlane, Manuel Araújo, na sua opinião o “nomadismo político” pode até ter influenciado nos resultados das eleições autárquicas de 2018 mas não teve nenhuma influência nas eleições de 2019.<sup>30</sup>

Concordando com o político acima entrevistado, alguns actores políticos acrescentam que apesar do “nomadismo”, em condições normais, influenciar no decréscimo de assentos parlamentares, não se pode dizer o mesmo para as eleições de 2019 pois foram eleições cujos

---

<sup>28</sup>F.C, em entrevista no dia 21 de Julho de 2020.

<sup>29</sup>L.M, em entrevista no dia 28 de Janeiro de 2021.

<sup>30</sup>E.Y, em entrevista no dia 24 de Janeiro de 2020.

<sup>30</sup>F.L, em entrevista no dia 03 de Julho de 2020, C.L, em entrevista no dia 18 de Março de 2020 e O.F, em entrevista no dia 04 de Agosto de 2020.

<sup>30</sup>M.C, em entrevista no dia 27 de Janeiro de 2021.

<sup>30</sup>E.L, em entrevista no dia 09 de Fevereiro de 2021.

resultados foram muito atípicos e envolveram poucos consensos. Por outro lado, as próprias eleições não foram grande coisa, por não terem sido transparentes.<sup>31</sup>

Outro entrevistado, partilha a mesma afirmação acima exposta para explicar o decréscimo na representação na AR na Renamo afirmando que “Pensa-se que esta a se fragilizar o adversário, mas em algum momento não se fragiliza. O que aconteceu é que houve fraude. Estas questões das eleições gerais foram uma fraude.”<sup>32</sup>

Apresentando um posicionamento neutro, um dos entrevistados concorda com os outros, porém, considera que isso também depende essencialmente da propaganda do próprio partido, as pessoas que estão a representar a organização, ou seja, há vários factores no meio de tudo isso que prejudicam os partidos.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup>E.L, em entrevista no dia 09 de Fevereiro de 2021.

<sup>32</sup>M.C, em entrevista no dia 27 de Janeiro de 2021.

<sup>33</sup>H.M, em entrevista no dia 12 de Janeiro de 2021.

## CAPÍTULO II

### CONCLUSÃO

Com base em evidências empíricas sobre este fenómeno e da análise e interpretação dos resultados, chegou-se a seguinte conclusão: em primeiro lugar, de que a gestão interna e organizacional da Frelimo, Renamo e MDM influencia, ainda que não seja de forma isolada, no “nomadismo político”.

Em segundo lugar, estas mudanças, reflectem interesses individuais de certos actores políticos, conforme constatado na discussão dos resultados. Portanto, a racionalidade maximizadora, apresenta-se como uma justificativa para as sucessivas saídas de membros e posteriormente sua filiação em outros partidos de tal forma que através do mesmo partido consigam um mandato, seja na AR ou na AM.

Desta forma, pode se confirmar a hipótese segundo a qual *a fraca institucionalização partidária da Frelimo, Renamo e MDM cria condições para a ocorrência do nomadismo político; a busca pela maximização de interesses particulares é um dos principais factores do nomadismo político.*

Porém, chama-se atenção para a não generalização deste fenómeno como resultado de busca desenfreada pelos bens materiais, privilégios decorrentes dos cargos ocupados, como geralmente se tem caracterizado esse fenómeno querendo dizer com isso, que em alguns casos o fenómeno do “nomadismo” resulta da rejeição da candidatura para as eleições internas assim como a derrota nas eleições primárias partido e desvio de oportunidades nos partidos.

Com base nos dados apresentados e posteriormente analisados, é possível identificar outro factor explicativo do “nomadismo” quando considerada a experiência das eleições autárquicas de 2008 e 2018 na Renamo e Frelimo e MDM respectivamente: divergência entre as lideranças do partido sobre certos assuntos do partido bem como, sobre os membros a serem eleitos a determinados cargos e em certas eleições e certos membros mudam-se de um partido para outro para apoiar a candidatura de um determinado político que decidiu se filiar noutro partido ou como independente.

Chama-se atenção ainda, a não considerar o “nomadismo político” como a única variável explicativa da fraqueza dos partidos políticos, principalmente os da oposição pois, há que considerar outros aspectos como a competição eleitoral e elementos comuns que caracterizam

todas eleições: a não credibilidade dos resultados, fraudes entre outros elementos bem como a propaganda eleitoral.

Com os mesmos dados pode ainda afirmar-se que, embora a literatura académica considera o fenómeno do “nomadismo político” como um indicador fundamental para avivamento da democracia multipartidária, a experiência de Moçambique, quando considerado os três partidos, a Frelimo, Renamo e MDM, mostra que este fenómeno, primeiro, não é desenvolvido em Moçambique e, segundo, serve para multiplicação das práticas autoritárias dos líderes nos seus partidos aparentemente democráticos e recrudescimento de partidos políticos sem nenhuma visão política.

Assim, o estudo conclui que a forma como o “nomadismo” ocorre em Moçambique, ainda que em certos casos não seja motivada por questões materiais, este, não pode ser pensado no quadro ocidental que em muitos casos ocorre como um fenómeno de natureza ideológica.



## REFERÊNCIAS

- ALDRICH, John, H.; BIANCO, William, T. *A Game-Theoretic Model of Party Affiliation of Candidates and Office Holders*. *Mathematical Computer Modeling*, vol.16, n°.8-9, p.103-116, 1992.
- BASEDAU, Matthias.; STROH, Alexander. *Measuring Party Institutionalization in Developing Countries: A New Research Instrument Applied to 28 African Political Parties*. GIGA Working Papers Series, n°.69, p.1-27, 2008.
- CANON, David T.; SOUSA, David J. *Party System Change and Political Career Structures in the U.S. Congress*. *Legislative Studies Quarterly*, vol.17, n°.3, p.347-363, 1992.
- CHAIMITE, Estêvão, E. *Opposition Political Parties after 2009 General Elections in Mozambique: what perspectives?*. IESE, p.1-14, 2011.
- CHICHAVA, Sérgio. *Movimento Democrático de Moçambique: Uma nova força política na democracia Moçambicana?*. Cadernos IESE, n°2, p.1-32, 2010.
- CHICHAVA, Sérgio. *Desempenho eleitoral do MDM e dos dissidentes nas eleições autárquicas de 2013 e 2018*. IDEIAS-IESE, n°.112, p.1-2, 2019.
- CIP; AWEPA, *Boletim sobre processos políticos em Moçambique*, N° 54, de 2-23 de Dezembro de 2013.
- DESPOSATO, Scott W. *Parties for rent? Ambition, ideology, and party switching in Brazil's chamber of deputies*. *American Journal of Political Science*, Vol.50, n°1, p.62-80, 2006.
- EISA. *Missão de Observação Eleitoral do EISA às Eleições Autárquicas de 10 de Outubro de 2018 em Moçambique*, 2018.
- ELISHER, Sebastian. *Do African Parties Contribute to Democracy? Some Findings from Kenya, Ghana and Nigeria*. *Africa Spectrum*, vol. 43, n°.2, p. 175-201, 2008.
- ERDMANN, Gero. *Party research: Western European bias and the African labyrinth*. *Democratization*, vol.11, n°.3, p.63-87, 2004.
- FEREJOHN, John.;PASQUINO, Pasquale. *A TEORIA DA ESCOLHA RACIONAL NA CIÊNCIA POLÍTICA: Conceitos de racionalidade em teoria política*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 16 n°. 45, p. 6-24, 2001.

FORQUILHA, Salvador Cadete.; ORRE, Alask. *TRANSFORMAÇÕES SEM MUDANÇAS?: Os conselhos locais e o desafio da institucionalização democrática em Moçambique* in Desafios para Moçambique, 2011.

GEOKE, Martin.; HARTMANN, Christof. *The regulation of party switching in Africa.* Journal of Contemporary African Studies, vol.29, n°.3, p. 263-280, 2011.

GIL, Carlos. *Como elaborar projectos de pesquisa.* 4°ed. São Paulo: Atlas, 2002

GIL, Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.* 6°ed. São Paulo: Atlas, 2008

HALL, Peter A.; TAYLOR, Rosemary C. *As três versões do Neo-Institucionalismo.* Lua Nova, n° 58, p. 196-223, 2003.

HELLER, William.; MERSHON, Carol. *Dealing in Discipline: party switching and legislative voting in the Italian chamber of deputies, 1988-2000.* American Journal of Political Science, vol.52, n°.4, p.910-925, 2008.

HELLER, William.; MERSHON, Carol. *Political parties and legislative party switching.* New York: Palgrave Macmillan, 2009.

HOEANE, Thomas. *Floor-crossing in South Africa: entrenching of undermining democracy?* Politeia, vol.27, n° 2, p. 70-88, 2008.

IKECHUKWU, Udeuhele G. *Political Nomadism and Its Implications on Political Development in Nigeria: A Critical Analysis,* International Journal of African and Asian Studies, vol.9, p.75-86, 2015.

JANDA, Kenneth. *Assessing laws that Ban party switching, defecting or floor-crossing in national parliaments,* p.1-15, 2007.

KATO, J.; YAMAMOTO, K. *Competition for power: Party switching as a means for changing party systems in Japan,* 2005.

KEMAHLIOĞLU, Ozge.; SAYARI, Sabri. *Defecting alone or splitting together? Individual and collective party switching by legislators.* Public Choice, vol.171, n°.1-2, p.187-206, 2017.

KEREVEL, Y.P. *The costs and benefits of party switching in Mexico.* Latin American Politics and Society. Wiley online library, vol.51, n°.1, p.28-51, 2017.

MAINWARING, Scott.; MARIANO, Torcal. *Teoria e institucionalização dos sistemas partidários após a Terceira onda de democratização*. Opinião Pública, vol. XI, nº.2, p. 249-286, 2005.

MARCONI, Maria.; LAKATOS, Eva. *Fundamentos de metodologia Científica*. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MBAH, Peter. *Party Defection and Democratic Consolidation in Nigeria, 1999-2009*. Afro Asian Journal of Social Sciences, vol. 2, nº2-3, 2011.

MINERS, N.J. *Floor crossing and pork-barrel politics in new nations*. Parliamentary Affairs, vol.25, nº. 1, p. 11-28, 1971.

NUVUNGA, Adriano. *Experiências com Partidos Políticos em Novas Democracias: O "deixa andar" no quadro institucional em Moçambique*, 2007.

NUVUNGA, Adriano.; ADALIMA José. *Mozambique Democratic Movement (MDM): an analysis of a new opposition party in Mozambique*. Studies on political parties and democracy, p. 1-35, 2011.

NUVUNGA, Adriano. *Tendências nas Eleições Municipais de 1998, 2003 e 2008*. In Moçambique: Descentralizar o Centralismo, Maputo, IESE, p.282-299, 2012.

PRODANOV, Cleber.; FREITAS, Ernani. *Metodologia do trabalho científico métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2ªed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUIVY, Raymond.; CANPENHOUDT, Luc Van. *Manual de investigação em Ciências Sociais*. 5ª ed. Lisboa: Gradiva, 2008.

RAKNER, Lise.; VAN DE WALLE, Nicolas. *Democratization by Elections?: opposition weakness in Africa*. Journal of Democracy, vol.20, nº.3, p. 109-121, 2009.

RANDALL, Vicky.; SVASAND, Lars. *Political Parties and Democratic Consolidation in Africa*. Paper for ECPR Joint Sessions of Workshops, Grenoble, p.1-27, 2001.

SCHMITT, Rogério. *Migração partidária e reeleição na Câmara dos Deputados*. Novos Estudos Cebrap, n° 54, p.127-146,1999.

VAN DE WALLE, Nicolas. *Presidentialism and clientelism in Africa's emerging party systems*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

VELASCO, Honorio.; DIAZ DE RADA, Ángel. *La lógica de la investigación etnográfica. un modelo de trabajo para etnógrafos de la escuela*. Madrid: Trotta, 1997.

### **Legislação**

Moçambique. Boletim da República, I Serie N°22, de 31 de Maio de 1997.

Moçambique. Boletim da República, III Serie N° 40, de 21 de Maio de 2013.

Moçambique. Boletim da República, III Serie N° 65, de 14 de Agosto de 2013.

Moçambique. Conselho Constitucional. (Acórdão n° 31/CC/2009) de 30 de Dezembro de 2009. Processo n°29/CC/2009.

### **Teses (teses/dissertação de doutoramento e licenciatura-monografia)**

RADEAN, Marius. *Party Politics and Legislative Party Switching*. PhD thesis. The Florida State University, 2013.

KNOTT, Cassie. *The cross-national determinants of legislative party switching*. Master's Thesis. Southeastern Louisiana University, 2017

HOTT, Henrique. *Migração partidária e resultados de política: evidências para Municípios brasileiros*. Universidade de São Paulo. Tese apresentada, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências.2018.

NUVUNGA, Adriano. *From the two-party system to the dominant party in Mozambique, 1994-2012: Framing Frelimo Party Dominance in the Context*. Ph.D thesis, Erasmus University Rotterdam, 2014

## Imprensa

A verdade, 2009a, “Paunde recebe dissidentes do MDM em Sussundenga” 21 de Agosto de 2009 disponível em [www.verdade.co.mz/opinioao/94-eleicoes-200/5838-paunde-recebe-dissidentes-do-mdm-em-sussundenga](http://www.verdade.co.mz/opinioao/94-eleicoes-200/5838-paunde-recebe-dissidentes-do-mdm-em-sussundenga) (acesso em: 04 de Dezembro de 2019).

A verdade, 2018b, “Manuel de Araújo abdica do MDM e regressa à Renamo, partido que aconselhou a escolher entre mudar ou desaparecer do mapa político” 23 de Julho de 2018, disponível em <http://www.verdade.co.mz/destaques/democracia/66359-manuel-de-araujo-abdica-do-mdm-e-regressa-a-renamo-partido-que-a-conselhou-a-escolher-entre-mudar-ou-desaparecer-do-mapa-politico> (acesso em: 02 de Dezembro de 2019).

Carta de Moçambique, 2019a, “Frelimo quer expulsar filho de Samora Machel do partido” 11 de Fevereiro de 2019, disponível em <https://www.cartamz.com/index.php/politica/item/972-frelimo-quer-expulsar-filho-de-samora-machel-do-partido> (acesso em: 13 de Janeiro de 2020).

Carta de Moçambique, 2019b, “Carlos Jeque é gonazololo fora do prazo...politicamente” 24 de Junho de 2019, disponível em [https://cartamz.com/index.php/textos-de-juma-aiuba/item/2263-carlos-jeque-e-gonazololo-fora-do-prazo-politicamente?fbcommentid=2714476228581284\\_2714578541904386](https://cartamz.com/index.php/textos-de-juma-aiuba/item/2263-carlos-jeque-e-gonazololo-fora-do-prazo-politicamente?fbcommentid=2714476228581284_2714578541904386) (acesso em: 13 de Janeiro de 2020).

Carta de Moçambique, 2019c, “Samito Machel: Nyusi violou de forma grosseira os estatutos da Frelimo” 21 de Abril de 2019, disponível em [https://www.cartamz.com/index.php/politica/item/1654-samito-machel-nyusi-violou-de-forma-grosseira-os-estatutos-da-frelimo?fb\\_comment\\_id=2683665021650092\\_2684392758243985](https://www.cartamz.com/index.php/politica/item/1654-samito-machel-nyusi-violou-de-forma-grosseira-os-estatutos-da-frelimo?fb_comment_id=2683665021650092_2684392758243985) (acesso em: 14 de Janeiro de 2020).

CNE. Comunicado de imprensa. Maputo, 21 de Agosto de 2018

DEUTSCHE WELLE, 2013, “Diálogo entre RENAMO e Governo não sai do pára-arranca” 13 de Maio de 2013, disponível em <https://m.dw.com/pt-002/diálogo-entre-renamo-e-governo-não-sai-do-pára-arranca/a-16810226> (acesso em: 13 de Janeiro de 2020).

DEUTSCHE WELLE, 2014, "Deserções partidárias em Moçambique motivada pela ganância dos políticos" 02 de Setembro de 2014, disponível em <https://m.dw.com/pt-002/desercoes->

[partidarias-em-mocambique-motivadas-pela-ganancia-dos-politicos/a-17895938](http://partidarias-em-mocambique-motivadas-pela-ganancia-dos-politicos/a-17895938)(acesso em: 04 de Outubro de 2019).

DEUTSCHE WELLE, 2018, “António Frangoulis: Espião da FRELIMO no MDM?” 22 de Junho de 2018, disponível em <https://m.dw.com/pt-002/ant%C3%B3nio-frangoulis-espi%C3%A3o-da-felimo-no-mdm/a-44349230> (acesso em 04 de Outubro de 2020).

DEUTSCHE WELLE, 2019a, “Moçambique: Samora Machel Jr. Distancia-se das pretensões do partido PODEMOS” 14 de Maio de 2019, disponível em <https://m.dw.com/pt-002/mo%C3%A7ambique-samora-machel-jr-distancia-se-das-pretens%C3%B5es-do-partido-podemos/a-48732034> (acesso em: 18 de Outubro de 2020).

DEUTSCHE WELLE, 2019b, “Líder da Renamo exonera secretário-geral e outros dirigentes” 18 de Fevereiro de 2019, disponível em <https://m.dw.com/pt-002/lider-da-renamo-exonera-secretario-geral-e-outros-dirigentes/a-47560214> (acesso em: 05 de Outubro de 2019).

Diário de Notícias, 2018, “Filho de Samora rompe com a Frelimo e é candidato independente em Maputo” 14 de Agosto de 2018, disponível em <https://www.dn.pt/mundo/filho-de-samora-machel-concorre-em-lista-independente-a-autarca-de-maputo-9714014.html> (acesso em: 06 de Outubro de 2020).

FOLHA DE MAPUTO, 2019, “Sandura Ambrosio confirma a saída em demanda de membros na Renamo” 15 de Julho de 2019, disponível em <http://www.folhademaputo.co.mz/pt/noticias/nacional/sandura-ambrosio-confirma-saidas-em-damandas-de-membros-da-renamo/> (acesso em:02 de Dezembro de 2019).

JORNAL NOTICIAS, 2014a, “ELEIÇÕES 2014: Carlos Jeque manifesta apoio á Renamo” 10 de Outubro de 2014, disponível em <https://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/24743-eleicoes-2014-carlos-jeque-manifesta-apoio-a-renamo.html> (acesso em 13 de Fevereiro de 2020).

JORNAL NOTICIAS, 2014b, “ELEIÇÕES2014: Membros abandonam o galo” 28 de Setembro de 2014, disponível em <https://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/politica/23947-eleicoes-2014-membros-abandonam-o-galo.html> (acesso em: 13 de Fevereiro de 2020).

LUSA, 2011, “CRONOLOGIA/Moçambique: RENAMO, uma história de dissidências” 11 de Março de 2011, disponível em <https://sicnoticias.pt/Lusa/2011-03-11->

[cronologiamocambique-renamo-uma-historia-de-dissidencias](#) (acesso em: 13 de Março de 2020).

O AUTARCA (2008), “Antigo Governador da Província de Sofala: Eis o reaparecimento público de Francisco de Assis Masquil” 11 de Março de 2008.

O PAÍS, 2019, “Desertores do MDM voltaram ao partido” 1 de Agosto de 2019, disponível em <https://noticias.mmo.co.mz/2019/08/desertores-do-mdm-voltaram-ao-partido.html> (acesso em 12 de Janeiro de 2020).

SAPO Noticias, 2019, “MDM anuncia quatro candidaturas provinciais” 14 de Julho de 2019, disponível em <http://noticias.sapo.mz/actualidade/artigos/mdm-anuncia-quatro-candidaturas-provinciais> (acesso em: 20 de Dezembro de 2019).

Voa Português, 2019. “Crise de liderança abala a Renamo em Sofala” 15 de Fevereiro de 2019, disponível em <https://www.voaportugues.com/a/crise-de-lideranca-abala-a-renamo-em-sofala/4788905.html> (acesso em: 20 de Dezembro de 2019).

ZAMBEZE, 2019. “Francisco Campira vaticina o futuro da perdiz: A Renamo caminha para uma turbulência partidária” 31 de Outubro de 2019.

## Apêndice: Lista de entrevistados

<b>Nome</b>	<b>Partido</b>	<b>Local de entrevista</b>	<b>Data</b>
Albino Forquilha	PODEMOS	Cidade de Maputo	27 de Janeiro de 2021
António Frangoulis	---	Ligação telefónica	03 de Julho de 2020
António Muchanga	RENAMO	Cidade de Maputo	19 de Janeiro de 2021
Francisco Campira	PASOMO	Ligação telefónica	21 de Julho de 2020
Geraldo Carvalho	RENAMO	Ligação telefónica	01 de Março de 2020
Hélder Mendonça	PODEMOS	Ligação telefónica	09 de Fevereiro de 2021
Ismael Mussa	---	Ligação telefónica	04 de Junho de 2020
Ismael Nhacucué	MDM	Cidade de Maputo	24 de Janeiro de 2020
João Colaço	---	Cidade de Maputo	18 de Março de 2020
Jossias Macuacua	MDM	Cidade de Maputo	19 de Janeiro de 2021
Linette Olofsson	RENAMO	Correspondência electrónica	04 de Agosto de 2020
Lutero Simango	MDM	Cidade de Maputo	28 de Janeiro de 2021
Maria Moreno	RENAMO	Correspondência electrónica	1 de Fevereiro de 2021
Michel Cahen	***	Correspondência electrónica	12 de Janeiro de 2021
Venâncio Mondlane	RENAMO	Cidade de Maputo	20 de Dezembro de 2019

--- Não estão, actualmente, filiados aos partidos em estudo

\*\*\* Pesquisador